

Ruy do Carmo Póvoas

Fazenda de conto

Fazendo de conta



Fazenda de
conto



Fazendo de
conta



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Andréa de Azevedo Morégula

André Luiz Rosa Ribeiro

Adriana dos Santos Reis Lemos

Dorival de Freitas

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

José Montival Alencar Júnior

Lurdes Bertol Rocha

Maria Laura de Oliveira Gomes

Marileide dos Santos de Oliveira

Nelson Dinamarco Ludovico

Raimunda Alves Moreira de Assis

Silvia Maria Santos Carvalho

Ruy do Carmo Póvoas

Fazenda de
conto



Fazendo de
conta

Ilhéus-Bahia



2014

Copyright ©2014 by RUY DO CARMO PÓVOAS

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei n.º 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei n.º 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Alencar Júnior

FOTOS CAPA E MIOLO

Líliã Carla Santana

REVISÃO

Ruy do Carmo Póvoas

Maria Luíza Nora de Andrade

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P879 Póvoas, Ruy do Carmo.
Fazenda de conto. Fazendo de conta / Ruy do Carmo Póvoas. – Ilhéus, BA : Editus, 2014.
122 p.

ISBN: 978-85-7455-374-0

1. Contos brasileiros. 2. Literatura brasileira. I. Póvoas, Ruy do Carmo. Fazendo de conta. II. Título. III. Título: Fazendo de conta.

CDD 869.9301

EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz

Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil

Tel.: (73) 3680-5028

www.uesc.br/editora

editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

E há um resto de mim
em toda parte
do que não pude ser
inteiramente.

Ildásio Tavares



Sumário

Apresentação	9
A árvore e a rede	13
A ceia da despedida	33
A vitória sobre as neves	51
O ato falho de Deus	59
O batetê	81
O caboco Boiadeiro	87
O desapego	113

Apresentação

O que ficou após a vasoura de bruxa? Acabou o ciclo da literatura do cacau? Quais os arquétipos de agora, logo que o *coronel*, o *jagunço* e a *mata* se dissolveram? Nomes consagrados foram-se para sempre, outros tantos se aposentaram da arte de contar, sob forma de ficção, as glórias, os pesadelos e os padecimentos da desistência de nossa gente. E a interrogação continua persistindo. Então, por que não tentar sentir isso mais profundamente?

Dizem por aí que é preciso voltar para casa, a fim de sofrer, e sofrer, e sofrer até não mais poder, na busca, até detectarmos as imagens arquetípicas que estão a nos desafiar. Não que elas sejam invisíveis. Muito pelo contrário: de tanto conviver com elas já não podemos enxergá-las. E após nos apossarmos delas, uma luta maior há de começar: o padecimento na lida com o idioma. Transpiração em doses altíssimas e um pouco de intuição. Será esse o melhor caminho?

É bem verdade que tal caminho é traiçoeiro, pois quem o percorre está sujeito ao risco de cair nos abismos parnasianos. Não se deve esquecer que já se constituiu uma receita parnasiana, hoje tida como superada:

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Por que não se aproximar do turbilhão da rua? Não será ele adubo que fertiliza a intuição? Por que não romper o sossego do claustro e se permitir o desassossego do contato e da descoberta do pertencimento? É verdade, também, que ainda é necessária a adesão ao último verso do quarteto. Continua sendo válida a sentença bíblica “Comerás o pão com o suor do teu rosto”, muito embora haja tanta gente que come caviar com o suor do rosto alheio ou se deleita com o sangue da nação. Não será essa também uma imagem arquetípica?

Tais indagações me levaram a gerenciar esta *Fazenda de contos*. Nela, *Fazendo de conta* que os fatos aconteceram, arrebanho algumas novas imagens arquetípicas. Não sou o autor delas. Foram elaboradas por gente sem nome, sem rosto e até sem chão, mas com os olhos voltados para dentro de si mesma, pois do

lado de fora não há mais a sombra do cacau, que era considerada, pelos pobres e pelos ricos, a grande mãe que protegia os grapiúnas.

Esta *Fazenda* eu consagro à memória de Lindaura Brandão Oliveira.

Ruy Póvoas

A árvore e a rede





Quase um quadrado, a praça mais parece um gramado aparado bem rente ao chão. A grama-pernambuco forma um tapete, com caminhos riscados pelos pés dos moradores. Terra de paz e sossego, com o mar lá embaixo, garantindo sustento e relaxamento. A praça é o próprio arraial. Não há registro escrito narrando a sua fundação. Foi surgindo, assim, ao léu da sorte. Dizem que tudo começou com o naufrágio de uma embarcação e uns sobreviventes que conseguiram chegar à praia, lá embaixo. Os sobreviventes subiram para o platô, construíram choupanas e ficaram por ali, até serem resgatados tempos depois, por obra do acaso. Entre os salvos, dois casais decidiram ficar por ali mesmo, pois aquele pedaço de paraíso era um eterno convite ao viver em paz e no sossego. Aquele era um tempo em que o rádio, a televisão e o telefone ainda não faziam parte das invenções.

A história desses dois casais é muito controvertida e nada ficou por escrito. Mas dizem que um dos casais era português. O outro, de negros. Justamente os negros eram serviçais

dos brancos. Os brancos ficaram porque os negros ficaram também e eles já nem saberiam viver sem ter quem os servissem. De serviçais, passaram a amigos: mais um milagre do naufrágio. Ambos os casais tinham filhos adolescentes. Parece até uma história inventada, de tão arrumadinha que é a trama narrada. Outra coisa própria de histórias inventadas: os adolescentes formavam um par. A menina, filha dos portugueses; o menino, filho dos negros. Qualquer pessoa com um mínimo de pensamento saberá atinar no que deu: os adolescentes terminaram formando uma nova família. Tudo muito redondo, certinho, arrumadinho demais, para que os historiadores, essa raça de desconfiados, aceitassem até hoje o relato oral como História.

Mesmo que seja apenas história, essa narrativa tem sido contada pelos moradores que se sucedem. Dizem até que o casal de negros fez muitas caminhadas exploratórias, coisa que continuou acontecendo ao longo de suas existências. E tanto caminharam, que acabaram por descobrir veredas que conduziam a outros arraiais. Terminaram por saber que nem estavam tão longe assim de alguns arraiais praieiros. Aí, já era tarde: tinham aprendido a viver pertinho de Deus, embora ainda estivessem na Terra. Com o passar do tempo, outras pessoas foram chegando e a população do arraial foi aumentando, mas não o suficiente para quebrar o encantamento do lugar.

Tudo continuaria assim, num relato bem arrumadinho que se repete de boca a ouvido, desde a segunda metade do século XVIII, se os *hippies* não tivessem descoberto aquele retalho do Céu, dois séculos depois do famoso, suposto e milagrento naufrágio fundador. De tudo quanto era tipo, os *hippies* chegaram e o mundo invadiu o arraial. Desde então, todos os anos, de janeiro a março, aquele lugar passou a fervilhar de gente. Era o movimento de turistas que a tudo transforma, subvertendo a ordem, o silêncio, a calma e o viver. De um mal, o arraial continuou isento: o movimento de carros. Sabe como é: o Governo finge que não sabe, ou não pode fazer um bocado de coisa. E os moradores, por isso também, ainda viviam com certas garantias de continuar sendo gente. Mesmo assim, televisão, energia elétrica e telefone celular agora já fazem parte do cotidiano dos moradores. Até já estavam começando as obras da estrada, porque o Governo descobriu recentemente a galinha dos ovos de ouro, para aquelas bandas: o turismo. Agora, seria o salvesse quem puder. Mas tem muita gente vibrando de alegria e emoção: “Enfim, o mundo se deu conta de que a gente existe!”

Tudo isso estava se passando, naquele momento, pela cabeça de Compadre Andrelino. Debruçado no parapeito da janela de sua casa, ele mirava uma a uma as outras casas daquela

praça desmedida. Estava, há um bom pedaço de tempo, pensando a vida, tentando entender o que o filho lhe dissera há algumas semanas, antes de retornar para a cidade. Sentia tudo que sabia escorrendo como enxurrada depois de um bom aguaceiro. Era o mundo ficando doido, ou era ele que não sabia mais viver no mundo? Precisava conversar com alguém, dividir aquela arroba de angústia com outra pessoa. Mas como contar para alguém aquela coisa que o filho lhe disse? E se a vizinhança, ao saber de tamanha novidade, passasse a ver a sua casa, a sua família, como coisa do demônio, ou de gente sem vergonha? Já não bastava a sua labuta na profissão de pescador, herança de seus mais velhos? Afinal, desde que o mundo é mundo, nunca faltou maioria para condenar aquilo que a própria maioria não faz, não usa ou simplesmente não quer. Pouco importa a quantidade de leis que se façam, há crenças e práticas tão arraigadas entre os humanos, que embora se saiba de leis que consideram crime um certo fazer, aquele fazer continuará sendo feito. É a distância entre a realidade e a simples imaginação. Quer ver uma coisa? Esse negócio de condenar as coisas dos negros. E pensou nisso, mirando a própria pele. Atualmente, são tantas leis dizendo isso e aquilo, que se consideram as coisas dos negros como coisas tão válidas quanto as coisas do branco. Vá ensinar isso nas escolas, pra ver um bando

de gente perdida sem saber o que ensinar. E sabe por quê? Porque para esses perdidos, coisa de negro é coisa dos outros. Até mesmo muita gente negra não considera as coisas dos negros como coisa sua. E o que é dos outros não é bem sabido, não é bem compreendido. E olhe que somos um povo cuja maioria é formada também por descendentes de negros.

De repente, uma formiga picou a mão de Compadre Andreolino e ele voltou à realidade. Esmagou o inseto e tratou de atinar numa solução para o que estava sentindo. Nada melhor que esparramar os olhos pela praça. Enorme, imensa. Tão grande que até mesmo a gameleira centenária não passava de um detalhe. Seus olhos escanearam a árvore. Não; não era simplesmente uma árvore; era a memória de sua própria ancestralidade. Seu tataravô, que sobreviveu ao naufrágio, seu bisavô, seu avô, seu pai. O desenho da árvore contra o céu era o traçado de sua árvore genealógica. Raízes nas profundezas da terra, a galharia apontando para o céu. E ao mirar a gameleira, repetiu a saudação que Comadre Lídia dizia todas as vezes que passava perto da gameleira: “Eró, Iroko!”

Comadre Lídia, eta comadre sabida. Ela sempre dizia: “Compadre Andreolino, o senhor é cabeça de Iroko.” Mas ele nunca quis ir além dessa informação. Esse negócio de candomblé é coisa de muito mistério, muito segredo, muita responsabilidade. Mesmo, Comadre

Lídia cuidava dessas coisas por todo mundo do arraial. Agora, estava ele ali, no janelão de sua casa, labutando a estranheza do sentimento perante as novidades da geração de agora. E no vaivém do olhar escorrendo sobre a praça, Compadre Andreolino viu Comadre Lídia, do outro lado. No costume de sempre, ela estava sentada num banquinho, no meio da enorme rede de pescar estirada no chão. Era a rede de pescaria de Compadre Rufo, marido dela. Na certa, algum peixe resistente tinha rasgado a rede, e ela estava ali remendando o estrago. Mulher inteirada, aquela Comadre Lídia. Boa pessoa, gente compreensiva. Muito diferente dele, a comadre parecia não sentir estranheza alguma com as novidades dos tempos de agora. Com ela, sim, Compadre Andreolino poderia abrir seu coração e expor o que estava lhe agonizando. Mesmo assim, se sentia acanhado para contar à comadre o que tanto lhe afligia. Filhos: nem tê-los, nem perdê-los. E quando estão criados, os trabalhos são dobrados.

Nisso, Compadre Andreolino resolveu sair de casa e atravessar a praça. Mas fingiu que estava indo fazer outra coisa. Queria que a conversa que ele ia puxar parecesse à comadre simples eventualidade. Mesmo, ele ainda nem sabia como iria começar. Começou por um bom dia Comadre Lídia, e a resposta da comadre com o mesmo cumprimento.

Conversa vai, conversa vem, Comadre Lúdia observou:

- Estou notando o senhor, Compadre Andrelino, um tanto encabulado. Assim, sem dar a sua risada de sempre...

Era justamente o que Compadre Andrelino estava precisando. Não se fez de difícil e escancarou o coração.

- Ah, minha comadre, a vida prega cada peça na gente... A senhora sabe: tem gente como a senhora que não vive estranhando esse mundo de hoje. Eu, comadre, ainda não me acostumei. Olhe, a senhora sabe, tenho televisão, assisto noticiário, assisto novela, assisto tudo. Vejo coisa de espantar raposa. Algumas coisas até já me acostumei. Mas tem outras, comadre...

- O que, por exemplo, compadre?

Comadre Lúdia conhecia por demais o compadre que tinha, para saber que a novidade seria longa e detalhada. Por isso mesmo, firmou os olhos na trama da rede que ela estava remendando e apurou os ouvidos na fala do compadre. De vez em quando, mudava o banquinho de lugar, para dar uma laçada aqui, outra acolá, num exame detalhado de toda a malharia.

Compadre Andrelino nunca ia direto ao assunto, gostava de arroteios, quando relatava qualquer coisa. Nunca o principal era enunciado em primeiro lugar. Um desfile de circunstâncias precedia o núcleo narrativo.

- Conforme a senhora bem sabe, Comadre Lúdia, já tenho tempos de viuvez. Terminei de criar meu casal de filhos sozinho. Nunca quis que outra mulher que não fosse mãe deles viesse para dentro de casa, substituindo a finada Alzira, que Deus a tenha. E quando eles ficaram taludos foram se misturando com os turistas de todo verão, aprendendo coisas do arco da velha. A cada dia uma novidade, porque isso, porque aquilo. Muitas vezes, tive que fazer valer minha autoridade de pai, ordenando que eu não queria saber de certas conversas, certos assuntos de baixo de minhas telhas.

Comadre Lúdia levantou-se, estirou o corpo, mudou o banquinho para mais adiante e tomou outro rasgão da rede para costurar. Aproveitou e se meteu no caso comprido:

- Sim, Compadre Andrelino, mas o que foi mesmo que aconteceu?

- Não, Comadre Lúdia; é preciso explicar primeiro, para a senhora entender tudo direitinho. Estou precisando de seus conselhos. A senhora bem sabe: para mim, Deus no céu, a senhora na terra. O que eu lhe devo...

- Ora, meu compadre, deixemos isso pra lá. São farinhas emprestadas...

- Pois é, Comadre Lúdia. Aí, os meninos foram ficando de maior, desejando ir para outros lugares, dizendo que aqui é um fim de mundo, que nada tinha para eles fazerem, a não

ser venderem bugigangas aos turistas nos meses de verão. Ainda pior: foram fazendo amizades com gente de fora, até mesmo de muito longe. Quando pensei que não, eles já estavam de ingrisilha armada, com uns turistas que se afeiçoaram a eles, prometendo as favas da índia, se meus filhos fossem com eles. E conforme a senhora bem sabe, já tem algum tempo que eles se foram.

Outra vez o banquinho mudou de lugar. Mais um rasgão para costurar. Mais uma ponderação a fazer.

- Mas Compadre Andreino, pelo que eu vejo, seus filhos fazem sempre procuração pelo senhor. O senhor mesmo tem me dito da ajuda em dinheiro que eles lhe mandam sempre. E sempre que eles podem, estão por aqui para lhe dar assistência. Seu mal, Compadre Andreino, foi não ter arranjado uma companheira, quando passou o período de sua tristeza de viuvez. Antes, o senhor dizia que não queria outra mulher por causa dos meninos. Depois, os meninos ficaram sobre si, e o senhor também não arranjou ninguém. Depois, eles se foram e até hoje o senhor continua sozinho...

- É... A senhora tem razão. Mas não é sobre isso que eu preciso lhe falar.

- Pois então, vamos lá, compadre. Estou prestando atenção. Meus olhos estão na rede, mas meus ouvidos estão na sua fala. Mesmo,

Compadre Andrelino, conforme o senhor bem sabe, sou cabeça das Águas, Iemanjá é minha mãe. Igual a ela, eu me esparramo. E essa rede me faz lembrar quem eu sou.

- Como assim, Comadre Lídia?

Comadre Lídia pronunciou a saudação de sempre:

- Odo Iá, minha mãe. Sou cabeça de Iemanjá, Compadre Andrelino, o senhor bem sabe. E minha mãe está aqui, comigo, assentada no meu ori, mas também está ali, naquele mar sem fim. Se lembra, Compadre Andrelino? Eu ainda bem nova fui levada por meus parentes, para ser feita no santo, num terreiro de candomblé. Desde pequena, fui sabedora: minha cabeça pertence a Iemanjá, a dona do mar. E a cada dia que passa, mais compreendo ela, porque me compreendo. O mar está ali, mas está aqui comigo também. Devo essa compreensão aos ensinamentos de minha mãe de santo. Aquela, sim, sabe das coisas.

Mal Comadre Lídia tomou um gole de suspiro, Compadre Andrelino retomou o seu caso de metro.

- Pois bem, Comadre Lídia. Nesse último verão, ainda nem faz um mês que começou a esfriar, afugentando os turistas, Nober-to, meu filho, veio passar um mês aqui, com a gente. Magnólia, minha filha, não pôde vir por questão de trabalho. Aconteceram problemas no emprego e o patrão não pôde dar férias a ela.

- Fiquei tão feliz, Compadre Andre-
lino, de Noberto vir me visitar. Prosamos um
tempo enorme, ele me contando as novidades
da cidade onde ele está. Tá é bonito, o danado.
Ficou um homão taludo, um touro cevado, bem
vestido, cheiroso que só ele. Sabe, ele até me deu
uma certa importância para ajudar no balaio de
todo ano que eu ofereço a Iemanjá. Estava só
esperando o movimento dos turistas na praia se
acomodar mais. Me disse ele que vem partici-
par do Presente das Águas e que vai até trazer
uns amigos. Era só eu marcar a data. A qualquer
momento, ele vai chegar.

- Pois é, Comadre Lídia. Sobre aquele
homão taludo, como diz a senhora, que eu que-
ro lhe contar uma coisa, pra desabafar o coração
deste seu velho compadre.

- Iemanjá, minha mãe! Está acontecen-
do alguma coisa de ruim com Noberto, Compa-
dre Andrelino?

Banquinho mais para frente. Mais
pontos e nós para serem dados.

- Olhe, Comadre Lídia, veja aquela ga-
meleira que nós prezamos tanto. E a senhora,
além de prezar, tem lá suas devoções com ela, suas
coisas de terreiro. Não esqueço nunca, apesar de
não entender dessas coisas, do que a senhora me
ensinou uma vez: que eu sou cabeça de Iroko.

- Pois é, Compadre Andrelino. É uma
gameleira, isto é, um pé de Iroko, o orixá árvo-

re. Sua cabeça é dele. É por isso que o senhor é tão reservado e dado ao silêncio. E quando fala, nunca sabe dizer o mais importante em primeiro lugar. Por isso, seus casos são compridos e emendados. Iroko não sabe labutar com a linguagem de gente. Olhe, agora mesmo, se eu fosse uma pessoa curiosa, apressada, agoniada, já tinha dado um ataque do coração, de tanto arroteio que o senhor já fez, para me dizer uma coisa, e até agora ainda não disse.

- Ô, Comadre Lídia, me perdoe. Eu estou lhe aborrecendo? Estou lhe atrapalhando no seu serviço?

- De jeito nenhum, Compadre Andrelino. É porque nós temos jeitos diferentes de ver o mundo.

- Como assim, Comadre Lídia?

- Para o senhor, o mundo é igual àquela árvore, o Iroko: raiz nas profundezas da terra, galharia esparramada para o céu. Um pé de Iroko, Compadre Andrelino, está plantado na terra, nasce, cresce e morre sem sair do lugar. Para mim, o mundo é igual a essa rede, cada nó está ligado a outro nó, que está ligado a outro nó, e por aí vai.

- Vixe, Comadre Lídia. Me explique isso melhor. Fiquei todo embananado agora...

- Explico, sim, Compadre Andrelino. Mas termine seu caso primeiro.

- Pois é, Comadre Lídia... Onde foi mesmo que eu estava? Ah, sim... nos seus di-

zeres sobre Noberto, o homão taludo. Aí, eu notei, nessa última vinda dele aqui, que ele estava querendo me dizer alguma coisa, mas não estava encontrando o jeito certo de dizer. Fingi que não notava e deixei ele assim, até que ele terminou falando. Foi uma fala vagarosa, cheia de muitas pausas, de gente que estava pisando em ovos, escorregando que nem quiabo. Na véspera do retorno dele, depois da janta, a gente se sentou na porta. Eu fiquei, como sempre, olhando a praça, apreciando a lua, admirando a gameleira. Foi aí que ele começou: “Pai, tenho uma coisa pra lhe dizer...” Pois, então, diga. E ele: “Eu me ajuntei com uma pessoa.” Olhe, Comadre Lídia, fiquei numa alegria sem tamanho. E perguntei por que ele não trouxe a moça com ele, para eu conhecer. Aí, ele foi explicar: “Acontece, pai, que não é uma moça...” Aí, eu disse: então é uma coroa? Ele respondeu: “Não, pai...” Comecei a me inquietar e perguntei: não me diga que você está se juntando com mulher casada? E lá foi ele, tentando fazer com que eu adivinhasse: “Não, pai, também não é uma mulher casada...” Eu até fiz uma brincadeira com ele, dizendo: esse negócio de adivinhar é com Comadre Lídia que sabe jogar os búzios... Aí, o mistério veio por água abaixo: “É um rapaz, pai, e a gente vai se casar...” O charuto me caiu da boca. A suspiração me faltou no peito, apertei as mãos até sentir as unhas me doendo. O chão

me fugiu dos pés e senti o sangue latejando no meu juízo. Fiquei mudo, Comadre Lídia. Cadê a voz sair... Mas eu estava longe de imaginar que o pior ainda estava por ser dito...

Compadre Andreliño fez uma pausa. Não porque estivesse cansado, ou perdido o fio da narração. Queria perceber a reação de Comadre Lídia. Para sua maior surpresa, Comadre Lídia continuou cerzindo a rede. No rosto, nenhuma linha se alterou. Não tirou as vistas do que estava fazendo. Nem sequer um leve pigarrear. Nada.

- Comadre Lídia, a senhora está me ouvindo?

- Claro que estou, Compadre Andreliño. Então eu ia faltar com a atenção ao senhor? Estou ouvindo sim.

- Sim... Eu estava dizendo... Ah, sim... Aí, ele levou a conversa adiante: "Estou pensando até em dar um neto ao senhor..." Aí, Comadre Lídia, a coisa pegou. Na primeira parte da conversa eu achei estranho, muito estranho mesmo, horrível, mas sabia o que ele estava dizendo. Nessa segunda parte, eu confesso à senhora, eu não entendi nada. Parecia uma conversa de gente maluca. Fiz um esforço daqueles e afirmei: do que eu sei, até hoje, homem não engravida. Aí, veio a explicação. Antes eu não tivesse dito nada: "Não, pai, o filho vai ser meu e de meu namorado, mas quem vai engravidar

é a namorada de Magnólia. O menino vai ter duas mães e dois pais...” Disse que vão fazer uma tal *seminação*, sei lá como é o nome... Aí, Comadre Lídia, o chão me fugiu dos pés. Nada disse, nada falei, fiquei ali, assim, parecendo uma estátua, igual àquela gameleira, mas sem a fortaleza dela. Ele ainda me perguntou: “O que é que o senhor acha disso, pai?” Não tive o que dizer, não tive o que falar. A única coisa que me veio à cabeça foi: eu hoje ainda não achei nada... Então, fiquei calado, mudo, silencioso, igual ao pé de Iroko. Creio que, pra me agradar, ele foi falando devagar, dizendo coisas dos planos lá deles. Disse que mandaram fazer dois retratos bem grandes. Um, eu debaixo da gameleira; o outro, da senhora, do jeitinho que a senhora está agora, sentada no banquinho, em cima da rede, remendando. Vão botar esses retratos na parede da sala lá da casa nova deles. Disse que vão morar todos quatro na mesma casa, pra criarem o menino juntos. Aí, me levantei devagar, vim dar umas voltas aqui pelo gramado da praça. Sentei ali, na escadaria do cruzeiro, em frente à capela. Depois, desci até a praia. A lua estava um esparrame por cima do mar. Minha vontade era que o mar se abrisse e me devorasse... Entendeu agora, Comadre Lídia, porque eu fiz tanto arroteio, conforme diz a senhora?

Foi a vez de Comadre Lídia:

- Olhe, Compadre Andrelino, eu não dei boas gargalhadas, para o senhor não pensar que eu estava zombando de sua agonia. Os nossos mais velhos já diziam: quem do pouco se admira corra o mundo que vê mais. Mas, compadre de minh alma, acorde. Seja bondoso com o senhor mesmo. O seu tempo, que é também o tempo meu, é outro; aliás, foi outro tempo. Outro jeito de viver. A geração de agora, Compadre Andrelino, vive de outro jeito, acredita em outras coisas. Virgindade, por exemplo, o senhor quer exemplo melhor? No nosso tempo, a moça que perdesse a virgindade ficava falada. Nenhum rapaz direito ia querer fazer família com ela. E agora, como é, compadre? Isso não tem mais a menor importância. Tanto faz como tanto fez. E lembrar que no passado muita gente matou e muita gente foi assassinada por causa de honra de moça. Está aí no que deu. Assim são as outras coisas. Os tempos mudaram, compadre. E quem não entender isso vai morrer antes do tempo. Ou pior: vai ficar encafifado, adoecer e dar trabalho a si e aos outros. Olhe, Compadre Andrelino, o senhor se acostumou a ver o mundo como aquela gameleira. E o que não for do seu jeito, o senhor não entende. Não entende porque não aceita. Olhe, se o senhor fizer um enxerto de um galho daquela gameleira, e cuidar bem cuidado, o enxerto vai criar raízes. Aí, o senhor serra o galho e transplanta

para outro lugar. Se o senhor cuidar bem, com o passar do tempo, vai virar outra gameleira bonita. Mas tem uma coisa, Compadre Andreolino: a árvore nova não vai ficar ligada com a árvore mãe. Tanto assim que, se a mãe morrer, a filha não vai sentir falta. Mas considere agora esta rede que eu estou remendendo. Por que eu estou fazendo isso? Porque cada nó é importante para outro nó. Se não, a malha não se completa. E tanto é assim que basta um rasgão e a rede toda fica comprometida. Mais isso, Compadre Andreolino, é um saber que vem da Grande Mãe. Ela fez o céu, a terra, o ar, a água. Depois, se esparramou por tudo isso. Por isso a gente precisa estar ligado a tudo isso também.

- E a senhora acha que eu devo fazer o quê, Comadre Lídia?

- Viva, Compadre Andreolino. Viva e deixe os outros viver. Olhe, de tanto imaginar que o mundo é visto igualmente por todo mundo é que o senhor nunca notou que os seus filhos gostavam de outras coisas. E o senhor acha por que eles são tão apegados a mim até hoje? Porque, Compadre Andreolino, como diziam os mais velhos, eu me chamo Aleixo, torto no mundo acho e torto no mundo deixo. Seus filhos são meus afilhados e quero muito bem aos dois. Quero mais que eles sejam felizes naquilo que eles escolherem para eles mesmos. Se o mundo é uma rede, Compadre Andreolino, onde

eles estiverem, com quem eles estiverem, eles estarão ligados a mim e eu a eles, pois eu batizei todos dois nas águas de minha mãe Iemanjá. E me ajude a dobrar esta rede, pois já terminei meu serviço.

Nisso, um grito alto interrompeu a conversa:

- Pai! Madrinha!

Oito mãos estavam acenando do outro lado da praça. Eram Noberto e Magnólia, acompanhados de um rapaz e uma moça que estavam chegando. Compadre Andrelino olhou fundo nos olhos de Comadre Lídia. Com o coração aos solavancos, mirou a gameleira de alto a baixo, e depois esparramou o olhar sobre a rede, que ainda estava estirada no chão. Comadre Lídia aconselhou:

- Vá lá, meu amigo. Vá ver seu povo, meu compadre. Seja pai completo.

Compadre Andrelino enxugou os olhos na manga da camisa e caminhou em direção dos filhos. A rede de Comadre Lídia acabara de envolver o seu coração de gameleira. Da maré cheia, vinha um vento suave e úmido, para borrifar a copa do Iroko. Conforme é sabido, há quem veja onde se padece de cegueira.



A ceia da despedida





Os três se entreolharam com cuidado para não darem uma pista sequer aos assaltantes. Quem chegasse ali, de surpresa, a julgar pela postura deles, jamais haveria de imaginar o que estava acontecendo. Uma foto fixaria o perfeito estado de relaxamento daquelas criaturas. Quanto aos assaltantes, na agonia de roubar, nem sequer notaram a segurança e a descontração dos assaltados, impassíveis estátuas de mármore. Na verdade, um bom fisionomista haveria de perceber nos subjugados uma ligeira atitude de quem diz para si mesmo: “Coitados, nem imaginam...”

A surpresa maior, e já era a quarta daquela noite, começou quando Sicrano, o menos alto entre os três assaltantes, viu aquela garrafa no meio da mesa e avisou aos parceiros;

– Gente, *Amarula*! Ah, vamos brindar ao sucesso de nosso assalto...

Beltrano até que resistiu:

– Que diabo é *Amarula*? Cara, deixa disso. A gente precisa sair daqui o mais depressa.

Fulano, que voltava do último carregamento do roubo, que estava sendo colocado na caminhonete estacionada na porta da frente, entrou dizendo:

– Deixa de ser jumento, otário. *Amarula* é licor de rico. Os ricos, depois que comem, tomam um cafezinho e aí bebem o licor.

Assim dizendo, apanhou a garrafa de *Amarula* e três cálices limpos que ainda restavam sobre a mesa. Retirou a tampa da garrafa e encheu os cálices até a borda. Transbordante de calma e segurança, Del apenas moveu a mandíbula, para pronunciar, cheio de esperança e cortesia:

– Senhores, com licença. Os senhores permitem que nós, os assaltados, brindemos também, com os senhores?

Sicrano, Beltrano e Fulano, conforme eles se tratavam entre si, entreolharam-se, num diálogo sem falas. Mas foi Sicrano, o mais agressivo dos três bandidos, quem anunciou:

– Nada disso! Não somos da mesma laia de vocês. Vocês merecem ficar espiando nós três aqui gozando essa fortuna. E cala a boca aí. Para de achar graça. Fica só assistindo, se não todos três levam bala... Os assaltantes elevaram os cálices acima de suas cabeças e brindaram, fazendo tintim. Não degustaram o licor. Aliás, nem sabiam o que era isso. Cada um suspendeu a máscara que usava apenas o suficiente para beber o licor. Sorveram o gole maior que puderam. E quando seus corpos desabaram no chão, Del, Lau e Tino ainda esperaram um pouco, até que tiveram a certeza de que os assaltantes não usariam suas armas. O primeiro a romper o silêncio foi Lau:

– E agora? Fazer o quê?

Tino tomou coragem, se levantou, puxando a cadeira para trás, rodeou a mesa e, já no meio da sala, deu um chute em cada um dos corpos caídos, verificando se, de fato, os assaltantes não acordariam. Por fim, sentenciou:

– Prontinhos...

Deu outra volta na mesa e retomou o seu lugar. E os três continuaram olhando-se entre si, demoradamente, em absoluto silêncio. Por fim, Del interrompeu a meditação do grupo:

– Mamãe, sempre mamãe, dizia: “Deus escreve certo por linhas tortas.” Vamos chamar a polícia. E o pior é que já estou começando a pensar diferente...

– Como assim? – Os outros dois quiseram saber.

– Nós preparamos tudo com tanto cuidado, detalhe por detalhe, para realizar um ato de nossa vontade. Mas outra vontade sobrepujou a nossa: a vontade da Vida.

Tino foi mais longe:

– O que está acontecendo aqui é o resultado de um pacto firmado entre a Vida e a Morte...

Fez-se outro tempo de silêncio, até que Lau se pronunciou:

– É... Pensando por este ângulo, até dá para entender que a Morte também não saiu perdendo.

Del refletiu em voz alta:

– Será que aconteceu uma troca de cabeça, conforme crê o povo do candomblé? Isto ocorre quando uma pessoa vai no lugar de outra. Será que foi isso?

A conversa foi se animando:

– Mas quem teria operado a troca de cabeça? Se ela aconteceu por si mesma, trata-se de geração espontânea? E Lavoisier fica como?

– Uma coisa nada tem a ver com outra, mas não vale a pena discutir isso agora. O mais importante é a conclusão do nosso pacto.

– Gente, vamos entender esse recado. Nem é uma questão de fé, nem crença. Para mim, é um recado do Universo.

– É... Pode ser. Então? Como ficam as coisas? Gente, e nosso pacto?

– Acho que nós deveríamos rever as origens de nossa decisão, rever nossas trajetórias. E aí, após essa revisão, se o pacto continuar valendo, colocamos um ponto final.

– Se a gente demorar muito de chamar a polícia, podemos criar complicações maiores, no caso de desistirmos de nosso pacto.

– Desistir? Para mim, isso ainda não está decidido. O que está valendo até agora é o pacto. Mesmo, na pior das hipóteses, no caso de o pacto ser quebrado, não será a polícia daqui, tão mal aparelhada, tão despreparada, que vai levantar detalhes que nos comprometam.

– Sou a favor da proposta de revisão.

– Dois a um. Proposta vitoriosa. Vamos à revisão.

– Vamos fazer assim: cada um faz a sua revisão, sem ser interrompido, e os detalhes esquecidos serão retomados pelos outros dois. Está certo assim?

– Logo que a concordância foi geral, qual será a ordem das falas?

– A ordem alfabética... Somos pessoas democráticas e organizadas.

Outra concordância geral e Del começou.

– Eu posso até afirmar que esse apego meu à minha mãe fez com que eu caísse na sozinhos. Nenhuma das mulheres que se aproximaram de mim prestava para ela. Também devo dizer que não fiz muita força para ser diferente. Eu não soube enfrentar isso, mesmo que fosse necessária uma ruptura. E quando ela morreu, eu não pude mais saltar esse abismo, saber como preencher o vazio. A última tentativa foi com Alaíde, que vocês conhecem tão bem. Tinha tudo para ser diferente com ela. Mulher decidida aquela. Me lembro sempre do desafio que ela me lançou: “Ou eu, ou sua mãe. Escolha.” Eu nunca fui capaz de dar uma resposta em palavra, porque me vi entre dois fogos. Até que tentei. Cheguei a passar uns dias na casa de Alaíde, pois ela achava impossível viver com mamãe. É verdade: mamãe era possessiva, ciumenta e

dominadora. Se metia em tudo na minha vida, e eu nunca fui capaz de dar um basta. Se vocês me perguntarem o que era aquilo, de onde aquilo vinha, até hoje não sei explicar direito. Tentei de tudo. Fui até mesmo a igrejas protestantes, centros espíritas e mãe de santo, que foi a última investida, pois logo em seguida, mamãe faleceu. De todas as falas que me disseram a título de explicação para o meu estado, a da mãe de santo calou fundo dentro de mim. Não esqueço nunca: “A grande mãe tomou todos os seus espaços e o senhor se tornou um vassalo disso. O senhor precisa romper com isso, mas não tem que ser por causa de outra pessoa. Tem que ser por causa do senhor mesmo.” Cheguei até a pensar em algumas saídas. Ficou apenas no pensamento. Quando mamãe percebeu meus estrebuchos, entrou naquela chantagem emocional que vocês conheceram muito bem. Mas dessa última vez, o que eu pensava que fosse chantagem era uma doença muito séria. Ou eram as duas coisas, sei lá, uma alimentando a outra. E deu no que deu: mamãe se foi de repente. Em mim, uma eterna ponta de acusação e passei a me sentir o responsável pela morte de mamãe. Lá se foram todas as esperanças de ruptura, e um peso a mais me foi adicionado. Já me pesava bastante o fato de eu nem ter conhecido meu pai, que morreu de desastre, quando eu ainda tinha dois anos. Nós três já nos conhecíamos há um bom tempo, mas

creio que foi a morte de mamãe que nos fez ficar amigos íntimos. Não esqueço: vocês tiveram paciência comigo por mais de um ano. Aliás, continuam tendo. Foi aí que aconteceu fazermos o pacto e isso já rola há algum tempo. Uma coisinha hoje, outra amanhã, sempre houve um motivo para o adiamento. Agora, foi o contrário, porque tomamos a decisão firme: “Aconteça o que acontecer, desta vez não adiaremos mais.” Ah, com que cuidado eu mesmo preparei a ceia: o caruru, o vatapá, o xinxim de galinha, arroz de hauçá... E aquela cocada de forno... Passamos a frequentar a casa um do outro e a amizade entre nós cresceu tanto, a ponto de nos tornarmos confidentes. Construimos um relacionamento de confiança mútua. Chegamos a ponto de cada um nós tirar a máscara na presença dos outros dois. Creio que foi isso que nos levou a firmar o pacto. Do que eu sei, restaram a cada um de nós os outros dois. Tudo mais ficou como terra arrasada. Deve ter sido essa a motivação do pacto: tudo seria resolvido de uma vez. Mas seria uma noite de surpresas, para além do que tínhamos programado. Logo de início, a primeira surpresa da noite: a visita inesperada daquele candidato a vereador, fazendo campanha política. Num relance, resolvemos a situação. Parece até que tínhamos combinado as coisas previamente. Corremos os três para a varanda da frente, e lá mesmo recebemos o visitante e sua comitiva. E

nem perceberam coisa alguma. Creio que eles entenderam que nós íamos sair, pois estávamos bem trajados, com as nossas melhores roupas. A agonia deles para conquistar nossos votos era tamanha, que nem perceberam o cheiro da comida que dominava no ar. Tínhamos superado a primeira surpresa da noite e o pacto se fortalecia. Creio que seja isso, de minha parte, a ser lembrado. E se algum detalhe me escapou, foi porque, do meu ponto de vista, não haveria razão para ser relatado. Com base no que acaba de acontecer aqui, isto é, na quarta surpresa da noite, agora, neste justo momento, me sinto obrigado a reconhecer: a vida é uma solução e não um problema. Não há problema; nós é que somos o problema. Olhem para eles retorcidos no chão. Pensavam que eram donos do mundo e podiam submeter a vida à vontade deles. Por falar nisso, que tal tirarmos as máscaras deles? Mais cedo ou mais tarde, alguém vai fazer isso. Pois que sejamos nós. Se for o caso, recolocaremos as máscaras... Agora é sua vez Lau.

– Engraçado... Esse negócio de mãe e pai... Engraçado... Mas primeiro vamos a uma coisa que você se esqueceu: a visita inesperada de Alaíde, a segunda surpresa da noite. Quase você põe tudo a perder, Del. Não sei onde você estava com a cabeça para convidar Alaíde a entrar. Que risco, pois ela bem podia compreender

tudo. Isso foi o que eu pensei a princípio. Depois fiquei imaginando uma trama que podia estar passando por sua cabeça: incluir Alaíde no pacto sem avisar a ela o que ia acontecer. Foi aí que Tino salvou a situação, inventando que nós íamos ter um jantar reservado e que estávamos esperando uma senhora da alta sociedade que estava vindo para nos propor um negócio irrecusável. Era necessário que não houvesse a presença de nenhuma outra pessoa, além de nós três, ou simplesmente ela deixaria o dito pelo não dito. Nós não o recriminamos, pois cada um sabe de si. Mas tanto eu quanto Tino desmancharíamos o pacto na hora, se Alaíde não tivesse saído. Nem que fosse necessário contar tudo a ela. E aí, você sabe, o mundo ia desabar... Mas o que me levou a aceitar o nosso pacto? Aliás, não aguento mais essa palavra. Existem umas imagens na minha cabeça que me obrigaram, vida a fora, a brigar comigo mesmo. Às vezes, ainda hoje, penso que foi um sonho. Outras vezes, tenho a certeza de que foi um fato real a que eu assisti. É assim: ouço um barulho de papai falando alto, mas muito alto mesmo. Parece que mamãe estava chorando. Parece... Aí, pulei o gradil do meu berço e fui parar no quarto de meus pais. Papai estava aos gritos, apertando o pescoço de mamãe, até que ela ficou muda e quieta. Depois, ele me tomou pela mão e me levou para a casa de minha tia. Mamãe ficou lá, estirada na cama.

Naquela noite houve um entra e sai na casa de minha tia. Me lembro até que havia soldados. Depois me disseram que mamãe tinha ido para o Céu. Eu quis saber como chegar ao Céu e me ensinaram que isso só é possível quando a pessoa morre. Passei, em segredo, a desejar minha morte, para que eu pudesse ir para o Céu, onde mamãe já estava. Com o tempo, as imagens foram se embaralhando na minha cabeça, até que cheguei à impossibilidade de ter a certeza, se foi um sonho, ou se assisti a um fato verídico. Papai me deixou aos cuidados de minha tia e foi para São Paulo, a fim de tentar a vida por lá. Eu já estava com uns oito anos e continuava, em mim, uma desconfiança de que mamãe não tinha morrido, conforme meu pai dissera. Ele tinha assassinado ela. Um dia, perguntei a minha tia de que mamãe tinha morrido. Ela me disse, então, que tinha sido do coração. Que meu pai tinha feito de tudo para salvá-la, mas ela não resistiu. Até hoje, me lembro do que eu contei a minha tia: “Eu vi mamãe morrendo. Ela morreu porque papai apertou o pescoço dela.” Minha tia se desesperou: “Meu filho, não diga uma coisa dessa contra seu pai. Ele não apertou o pescoço dela; ele fez várias massagens, para ver se sua mãe voltava a respirar. Não repita isso.” Nunca mais se soube notícias de papai. Minha tia acabou de me criar. E quando ela faleceu, eu já estava adulto. Mas um adulto que, até hoje, deseja

voltar àquela infância, justamente naquela noite, para tirar essa dúvida que pesa dentro de mim, como se eu carregasse o mundo nas costas. Naquele tempo, as coisas não eram como são hoje, nem se falava nessa coisa de psicólogo, trauma de infância e coisas desse gênero. Não ter resolvido isso e acreditar que isso dentro de mim não tem mais solução são coisas que me levaram a aceitar o pacto com vocês dois. Quanto a retirar as máscaras dos assaltantes, sou inteiramente a favor. Você, agora, Tino.

Minha motivação não é tão diferente das de vocês. Tem mãe no meio, também. Talvez um pouco mais amargo, não sei, pois aquilo que nos causa dor intensa, em outra pessoa, pode ser motivo até de diversão. Mas do que eu me lembro de mim mesmo vem dos primeiros tempos de minha infância. Me lembro bem... Eu adorava meu pai. Era um homem bonito, cheio de vida, gostava de andar nos trinques. Hoje eu sei: havia entre meu pai e minha mãe algo que não estava ao alcance de minha compreensão na época. Apenas soube que houve uma coisa entre eles, que fez a convivência do casal desandar. Meu pai passou a viver cabisbaixo, perdeu a alegria. Creio que havia cobranças por parte de minha mãe, que passou a ameaçá-lo com a separação. Quando a conversa entre eles chegava a esse clímax, meu pai simplesmente apanhava o chapéu

e saía. Não sei para onde ele ia, nem o que ia fazer. Depois, ele retornava. Às vezes, não havia mais discussão. Outras tantas, era pior e ele tornava a sair. As coisas foram piorando, até que um dia meu pai me chamou para passear. Ele me levou para aquele lago do centro da cidade. Sentamos em um dos bancos. Me lembro bem: perto de nós, em outro banco, estavam duas moças bonitas. Uma delas estava lendo um livro para a outra ouvir. A que lia disse assim: “Agora, escute esse que bonito, Maria Helena, *Vamos saber das almas o segredo...* A outra escutava muito atenta e a tarde ia se esparramando pelo céu. Mas aí meu pai interrompeu o meu arrebatamento. Sim, eu estava simplesmente arrebatado por aquele cenário, por aquelas duas moças bonitas, por aquele céu latejando de vida, por aquela frase cujo significado eu não sabia o que era, mas me envolvia de algo muito forte. *Alma*, para mim, era espírito de desencarnado. Isso se chocava com a boniteza das duas moças. A cena ficou gravada dentro de mim até hoje. E de vez em quando, ainda sonho com uma mulher com um livro na mão, me pedindo que leia para ela. No sonho, que é repetitivo, nunca consigo abrir o livro que ela me entrega. Mas teve um agravante naquela tarde com meu pai. O que ele me disse bateu de frente com meu estado de enlevo. E até hoje, esse nome de mulher, Maria Helena, me desperta uma perdedeira. Era o nome da

moça que escutava a outra lendo, mas conforme vocês bem sabem, minha mãe se chamava Maria Helena também. E eu tive que ouvir esse nome repetido durante toda a minha vida. Para maior espezinho meu, minha professora primária também se chamava Maria Helena. Mas para eu não me perder no meio dessas lembranças, vamos voltar à conversa com meu pai. Ainda ouço ele falando, como se fosse agora: “Sabe, filho, sua mãe não quer mais viver comigo. Creio até que ela já esteja gostando de outra pessoa. A convivência entre mim e ela se tornou uma coisa muito amarga. E a gente não está mais danado certo. Então eu já resolvi aceitar a proposta dela de separação. Acontece que tem você, e eu não posso levar você comigo. Você vai ter que ficar com sua mãe. Mas eu vou ver você sempre. Quando eu me aprumar na vida, você pode até passar uns tempos comigo, a depender de você querer isso.” O resto, eu não pude mais ouvir. Desabei no choro. Meu pai tentou a todo custo me consolar. Meu choro terminou chamando a atenção das duas moças. A que se chamava Maria Helena não demonstrou interesse, mas a outra, a que estava lendo, veio até o nosso banco, pediu licença a meu pai e tentou me consolar. Ainda ouço: “Oh, o que é que ele tem, que está chorando assim? Não chora assim, neném.” Sabe o que eu fiz? Interrompi o choro e disse para ela: “Eu não sou um neném; já sou um menino.” Ela

desandou a rir. Até meu pai riu também. A outra moça, a Maria Helena, continuou no outro banco, folheando o livro e nem sequer quis saber do que estava acontecendo. Meu pai me levou de volta para casa. Minha mãe apenas disse: “Suas coisas maiores já estão arrumadas nessas sacolas. As menores, você mesmo pega.” Meu pai andou pelos cômodos da casa, catando suas coisas. Depois, ele carregou a bagagem para fora de casa. Ele foi embora e mamãe trancou a porta da rua por dentro e tirou a chave. Até hoje, ainda tenho problemas com chave, perco, me esqueço, não sei onde larguei, um inferno, seja que chave for. Um tempo aí, atrás, eu perdi a chave de meu cofre e não tinha ainda memorizado o segredo. Passaram-se seis meses e, um dia, sem que nem pra quê, me lembrei. Imediatamente fui abrir o cofre. Sabem o que tinha lá dentro? Uma manga já desidratada, completamente ressequida, uma porca de parafuso e uma semente de olho de boneca, aquela semente vermelha e preta. Podem rir à vontade... Meu pai desapareceu da cidade. Uma amiga de minha mãe, de nome Hortência, veio morar na nossa casa. Vocês devem se lembrar do quanto isso deu o que falar na cidade... Depois, Tia Hortência, conforme minha mãe me ensinou a tratá-la, faleceu. Minha mãe se foi também. E eu fiquei com o trambolho dessas lembranças, que até hoje são uma trouxa dentro de mim. Naquela tarde, quando conversamos

muito, nós três, e fizemos o mesmo que estamos fazendo agora, isto é, revisando os motivos, eu vi na proposta do pacto a verdadeira solução. E o pacto foi tão bem esquematizado, tão bem elaborado... Eu fiquei responsável pela parte do licor. Tive algumas dificuldades em conseguir a substância necessária. O efeito deveria ser ultrarrápido. Aí, aquela terceira surpresa: tocaram a campanha. Não dava para fingir que não estávamos em casa. Del foi atender, na intenção de despachar o visitante inoportuno o mais rápido possível. Já tínhamos degustado o cafezinho e era chegado o momento do licor. Quando vimos, Del já estava cercado pelos três assaltantes que invadiram a casa. Do resto dos detalhes nem é necessário lembrar, pois tudo acaba de acontecer agorinha mesmo. Não há, porém, como deixar de lado a quarta surpresa desta noite memorável. Foi quando os assaltantes resolveram brindar com o nosso *Amarula*. Ah, sim: as máscaras. Vamos tirar, sim. Pronto. É isso...

Depois de narrarem suas memórias, eles se calaram por um tempo. Ora um suspirava fundo, outro pigarreava, outro tamborilava na mesa. Por fim, Del falou:

– Eu tenho outro *Amarula* lá dentro. Está como veio da loja. Vamos fazer um brinde?

Os outros concordaram. Del saiu da mesa, foi lá dentro e voltou logo, rompendo o

lacre da garrafa. Os outros dois já estavam no meio da sala, à espera dele para retirar as máscaras dos assaltantes. E quando assim fizeram, concluíram tratar-se de pessoas totalmente desconhecidas. Foi Lau quem observou:

– Engraçado... Engraçado mesmo...

Enquanto eles estavam mascarados, para nós eles eram assaltantes, tinham um lugar no mundo: assaltantes. Agora, de rosto limpo, são simplesmente desconhecidos... Isso me faz lembrar do quanto somos conhecidos nesta nossa cidade, procurados e até mesmo, muita gente nos quer bem. Temos recebido fartas demonstrações disso. Somos até invejados. Então, para que tirar essas nossas máscaras? Eu já me decidi: não quero mais tirar a minha... Você, Del, concorda?

– Concordo, sim.

– Você, Tino?

– Também.

– Então, vamos apagar os vestígios do pacto e chamar a polícia.

– E brindemos a vida. Tintim!



A vitória
sobre as
neves





Quando saltei do ônibus, a procissão já retornava, subindo a Ladeira da Vitória. Foi curto o trajeto para alcançá-la. A bandinha declinava velhos *dobrados*. Muita gente descalça pagando promessa. Filas de beatas ladeando o andor da Virgem afogada num mar de gladiolos. E à cadência rítmica dos passos, o andor balançava, ondulando as flores num aceno de paz e bênção aos acompanhantes. Toalhas bordadas enfeitavam os janelões dos sobrados, jarros de flores e imagens católicas davam ao casario um ar de união. O cortejo caminhava lentamente, a colina tornava-se mais alta e a ladeira mais empinada. Em frente ao hospital, a banda emudeceu e um grupo fez ecoar uma vaga de louvor. Lá em cima, os eucaliptos dobravam-se reverentes.

Dei por mim, acompanhando o cortejo, na esplanada. Na igreja, antiga como Ilhéus, a Virgem pontificava, tomando conta da cidade. No cemitério, ao lado da igreja, coronéis do cacau dormiam, para sempre, no barro pegajoso. Uma salva de palmas retumbou, quando a imagem entrou na igreja. Velhos conhecidos traziam-me a

infância de volta, gente que há décadas eu não via. As pessoas pareciam ter descoberto o segredo do Antigo Egito: não envelheciam. Um vulto, porém, chamou-me a atenção. Estava no primeiro degrau da escadaria, pedindo esmolas. Faltava-lhe uma perna. Calça cáqui, camiseta furada. Quem era aquele? Aquele... Forcei a mente e a lonjura do tempo se desfez: Umbilino. Prefери ficar olhando de longe. Lá estava ele, o velho temível jagunço dos Oliveiras. Sua fama encarnou-se nas *Terras do Sem Fim*. Especialista em jogar criancinhas para o alto e apará-las na ponta do punhal de meio metro. Agora restava o resto de Umbilino, domado, na escadaria da igreja da Vitória. Eta mundo velho sem porteira! O punhal do Tempo agora fazia das suas também.

Girândolas espocavam no ar. Mulheres protegiam o cocuruto da cabeça com as mãos, crianças escondiam-se nas dobras das saias das mães. E um redemoinho no tempo carregou tudo de volta há quarenta anos.

Minhas mãos meladas de algodão doce, minhas alpercatas cinza, número vinte e nove, meus suspensórios de elástico, minha camisa de listrinhas costurada por Dona Brasília, minhas calças de lonita, feitura de Pedro Gastão. Tia Jovanina conversando com Detinha:

"Ouviu, Detinha, logo quando construíram esta igreja, a padroeira era Nossa Senhora

das Neves. Foi quando houve o ataque dos estrangeiros. Os brancos, com os índios e jesuítas, ficaram aqui em cima, guardando a igreja e atirando lá pra baixo. Aí um tiro de canhão matou o chefe dos gringos e eles fugiram derrotados. E os daqui de cima gritaram: 'Viva Nossa Senhora da Vitória!' E aí ficou esse nome até hoje."

Os foguetes espocaram no ar e eu me larguei de Tia Jovanina, enlouquecido pelo medo, atordoado, no meio da multidão. E dei por mim em frente ao Convento da Piedade, botando a alma pela boca. Mas quando olhei o mar lá de cima, um êxtase me arrebatou. Era a primeira vez em que eu via Ilhéus de tão alto assim...

Outra vez a janela do Tempo se fechou. Agora, o padre começava o sermão para a bênção. Meus pés trinta e nove, minha roupa branca e uma ojeriza a algodão doce: saldo dos quarenta anos. E por que não? Por que não voltar ao Alto do Convento? Como seria tudo aquilo visto agora? Deixei a esplanada e dei a volta por trás do cemitério. O sol cochilava por detrás de Mutucujê. Lá, depois da lonjura do véu cinzento, Itabuna, Itajuípe, Ubaitaba, todos eles pedaços de Ilhéus, agora senhores de si, mergulhados naquele outro mar verde: o cacau. O Rio Cachoeira trazia lembranças de lá, nas águas escuras, espichando-se entre as terras de Sapetinga. De vez em quando, uma touceira de

aguapé, repleta de flores roxas, deslizava como um presente de Itabuna às águas do oceano.

A Rua do Convento era um deserto. A muralha enegrecida separava o mundo dos mistérios lá de dentro. E o vento do mar veio correndo, envolvendo-me em baforadas macias. Sim, ali estava eu: sete anos mais quarenta e tudo se misturando no peito e na mente. Lá do outro lado, no Pontal, perto do morro de Pernambuco, a Rua do Grauçá, o terreiro de Mãe Malungo Monaco, o telhado da casa de Tia Jovanina. Ela devia estar maluca, procurando por mim, na procissão. Mas era tão bom ficar ali. Tão bonito ver o mundo lá embaixo. Meus colegas, amanhã, iam ficar morrendo de inveja. O Pernambuco, onde a gente corre sebo, é um cuscuzeiro emborcado. A Pedra de Ilhéus é uma panela de barro no jirau das ondas. Na Praia do Sul, nem se vê a areia, de tanto coqueiro. O que será que existe lá no fim dessas águas? Engraçado: gente lá na praia parece brinquedo. O mar termina no céu. Andar por aí, até longe, longe, longe, para chegar no outro mundo. Um navio apitou soltando fumaça pelo bueiro. Quem dera estar dentro dele para saber como é... O pior é se depois do Pontal a gente cair no abismo...

"Menino, você quer me matar do coração?!" O grito de Tia Jovanina fez-me virar para trás.

Igualzinho como há quarenta anos, uma senhora reclamava com uma criança. Foi o bastante para meus sete anos escapulirem outra vez. Sorvi um largo fôlego e soprei firme. Limpei os óculos para ver o mundo melhor. O Grauçá virou Casimiro Costa e a casa de Tia Jovanina não existe mais. Também não há mais colegas para me ouvirem, invejosos, amanhã e o Morro de Pernambuco não atrai mais nenhuma criança. Na Praia do Sul, é tanta areia que não se vê mais coqueiros e quando o Atlântico termina, chega-se à África. O céu? Bem, o céu não existe. É apenas uma ilusão de ótica, pois a terra é uma bola azul girando no espaço sem fim. Dois cargueiros partiam do Porto do Malhado em pausados apitos roucos de adeus. Que importa saber agora como é um cargueiro por dentro, se novos aviões, silentes e ultrarrápidos, facilitam tudo, numa casa que voa?

E de vez em quando, eu me virava para trás, à espera de Tia Jovanina que não voltaria nunca mais. O mar tingia-se de um lilás desmaiado e o dia anunciava o seu final. Das bandas do Largo da Vitória, o barulho do foguetório explodia no ar. Lá, o meu medo ficara nas mãos grudadas de algodão doce, na criança escondida pela cortina de neves. E o meu olhar sentidamente embrulhava Ilhéus em lembranças de majestade e esplendor: o mesmo céu, a mesma terra, o mesmo mar. Em mim, a mesma

fé na vitória sobre as neves do esquecimento. A
lembrança de Ilhéus rói e dói assim, assim, mas
vale a pena...



O ato
falho
de Deus





Me dê essa chave pra cá.
Quem abre essa porta sou eu.
Juniodê

Naquele dia, Padre Jero resolveu ficar de olho em Jó. Havia um mês que ele começou a perceber: alguma coisa estranha estava acontecendo com o seu ajudante. Mesmo, tanta fidelidade era de chamar atenção, pois tudo demais é sobra. Quem por fidelidade a outro se anula completamente pagará muito caro depois. Fidelidade canina só deve ser tributada ao Divino. E a devoção de Jó? Nos últimos meses, ele deixara até de dar umas voltinhas na praça, antes das nove horas da noite, conforme sempre fizera, para ficar fazendo penitência. Nada de concreto, porém, dava a Padre Jero uma pista segura. Tinha, no entanto, uma certeza: algo diferente vinha acontecendo com Jó, seu ajudante maior, conforme gostava de se referir a ele.

Não; não era aquilo que Padre Jero queria sentir. Afinal, não seria com a desconfiança, mãe de muitas injustiças, que haveria

de retribuir ao ajudante o penhor da fidelidade recebida por dez longos anos. Primeiro, foi aquela mania de chamar Gil, o ajudante menor, de *Anjo da Inocência*. A princípio, Gil se aborrecia, a ponto de queixar-se ao padre. Suas ponderações, no entanto, convenceram o ajudante menor a não se incomodar com aquilo. Ao contrário: deveria sentir-se até distinguido com o tratamento dado a ele por Jó. Não são os santos todos personificação da inocência? Inocente não é a pessoa alienada; é quem escolheu não cultivar a maldade do mundo. E santo não é quem, longe do mundo, não se contamina; mas aquele que, mesmo tendo espaço e tempo, não se deixa contaminar. Padre Jero ainda arrematou a conversa, citando a Bíblia, narrando para Gil o encontro de Jesus com as crianças e a exigência de tornarmo-nos inocentes, se quisermos entrar no Paraíso.

Padre Jero estava espiando pela grelha da porta da sacristia e suas lembranças escapuliram, quando ele viu Jó, posto em frente ao altar-mor, retirar um saquinho do bolso do blusão. De dentro do saco, Jó retirou uma mão de milho, espalhou no degrau do altar e ajoelhou-se no milho. De dentro da sacristia, Padre Jero ouviu:

– O *Anjo da Inocência* é intocável. É tempo de me revelar, para que as portas do inferno sejam lacradas para sempre. E você, que está

me observando pela fresta, venha à luz e veja o que somente o *Anjo da Inocência* pode ver...

O padre tremeu nas bases. Meio atordado, buscava atinar numa saída para aquela situação que ele temia admitir: Jó tinha ficado doído. Sorveu um largo trago de ar, encomendou-se a Jesus Sacramentado, abriu a porta da sacristia e dirigiu-se para o altar-mor. Jó estava, agora, de pé, de costas para o sacrário, os braços abertos, as mãos espalmadas, os olhos fixos na direção do vazio da porta central da igreja.

Num misto de receio e curiosidade, Padre Jero aproximou-se devagar. Jó parecia não vê-lo, embora manifestasse a percepção de sua presença. De repente, numa voz cavernosa, Jó ordenou:

– Tire os sapatos, pois o solo da minha casa é sagrado!

Meio receoso, Padre Jero obedeceu. Sentou-se num dos bancos da frente e começou a desatar os cadarços dos sapatos. Por sua cabeça latejante, as ideias mais contraditórias se chocavam. Seria um caso de exorcismo? Não... *Ele* não seria tão atrevido assim, a ponto de manifestar-se no próprio altar-mor de uma igreja consagrada à Mãe do Salvador... Mesmo, aquela ordem era muito explícita: fosse quem fosse, o dono daquela voz considerava o solo da igreja território do sagrado. Não podia esquecer, porém, de que *Ele* é o

mestre dos disfarces... Também, nesta vida, já fora testemunha de tanta coisa, de tanta maluquice que pode atacar os humanos. E ainda: aquelas coisas ocorridas em sua infância, que lhe obrigam sacudir a cabeça, quando voltam à sua lembrança. Ele devia estar por volta dos dez anos, a idade que Gil, o *Anjo da Inocência* nos dizeres de Jó, tem hoje. Sua avó era mãe de santo. E desde que ele se entendeu como gente, participava dos rituais do candomblé. Um dia, porém, algo muito exótico aconteceu. Dois homens muito fortes entraram no terreiro, trazendo uma mulher amarrada, que urrava como um bicho. Desgrenhada, toda esfarrapada e suja, a mulher revirava os olhos e alternava gritos com gargalhadas. O escarcéu despertou sua avó, Mãe Majé Nirê, que estava tirando uns cochilos após o almoço. Aí, ele presenciou a cena que o marcou para sempre. A sua avó rodopiou sobre si mesma, soltando um grito de guerra tão conhecido seu. Era Ogum que se manifestava, abrindo guerra contra as trevas que dominavam a mulher amarrada. A primeira ordem de Ogum foi que desamarrassem a mulher. As pessoas que acompanhavam a doida ficaram receosas, mas obedeceram. A doida, rangendo os dentes, suspendeu os braços e ficou paralisada. E aquele diálogo entre a avó e a doida? Aliás, entre Ogum e aquilo que estava manifestado na doida...

Nisso, outra vez, a voz cavernosa ordenou:
– Aproxime-se, mas guarde distância necessária para sua segurança.

Padre Jero, agora curioso, tornou a obedecer e arriscou perguntar:

– Quem sois vós?

A resposta foi um alívio, mas também uma grande preocupação:

– Eu sou o Senhor Teu Deus que te tirei da terra do Egito. Amanhã, no momento em que a minha glória estiver acima de suas mãos, diga às minhas imagens e semelhanças: "Assim diz o Senhor nosso Deus: Todos já se tornam dessemelhantes de mim. Por isso, não pouparei o que está por vir..."

Na interrupção da frase, Jó estremeceu o corpo, sacudiu a cabeça insistentemente, abriu os olhos, percorreu o ambiente com um olhar de espanto e falou:

– O que estamos fazendo aqui, Padre Jero? E este milho espalhado no degrau? Alguma galinha entrou na igreja?

– Nada disso, Jó. Apenas, você teve um pesadelo. Está precisando ir ao médico, vamos cuidar disso logo, logo. Por enquanto, acho bom você ir para sua casa e repousar. E olhe: você não precisa voltar mais à igreja hoje. Eu também vou embora para minha casa. Depois, a gente se fala.

Nunca passaria pela cabeça de Jó desobedecer a Padre Jero e, por isso mesmo, apenas

quis saber:

– Devo fechar a igreja, padre?

– Feche, sim, Jó. E olhe: depois do descanso que eu já lhe recomendei, saia um pouco, dê umas voltinhas pela praça. Vai lhe fazer bem...

Depois que Jó saiu, Padre Jero ficou na igreja. Tudo vazio, tudo silêncio. Era preciso consultar Deus. Recolheu-se aos extremos de sua alma e orou fervorosamente.

meu senhor e meu deus longe de mim perquirir vossa majestade divina já me falaste bastante ao coração para que até a morte eu confie em vós também sei do que tenho lido e das informações disponíveis que jó está padecendo de um processo de esquizofrenia senhor copian-do aquele personagem da bíblia eu afirmo não sou digno que ouçais o meu pedido mas usai de vossa misericórdia e o meu ajudante jó será curado claro que o povo ensina faça por ti que eu te ajudarei vou também levá-lo ao médico afinal pode ser que se trate de algo muito simples de ser contornado a medicina anda tão avançada também sei meu deus e meu senhor que quando quereis chamar a nossa atenção para vossos filhos e filhas vós costumais enviar vossos loucos e profetas para o meio da praça pública conclamando o povo para o arrependimento e se agora em vez de esquizofrênico jó for um escolhido mas me preocupa ainda se-

nhor essa coisa de jó cuidar tanto de gil meu ajudante menor pode ser que para jó gil seja o filho que ele não teve mas será que o apelido de anjo da inocência já era um sinal de desequilíbrio de jó e eu negligenciei

De repente, a memória de Padre Jero o arrebatou e o levou de volta aos seus dez anos de idade. E lá estava ele no terreiro da avó, entre pessoas da casa e a doida desgrenhada. Ogum manifestado em Majé Nirê, com uma espada na mão.

ah criatura divina minha avó tão amorosa tão sabida fazia minhas vontades desde que não fossem teimosia de menino um dia tive o capricho de querer comer talo de couve cozido em prato de barro najé vó foi comigo comprar couve na quitanda de dona iazinha na volta futucou a despensa até que encontrou um prato najé novinho acendeu o fogareiro a carvão me pôs no colo para que eu pusesse o prato de barro no fogo quando os talos de couve ficaram cozidos vó retirou o prato do fogo e disse que eu deixasse esfriar aí então foi a hora de comer mas os talos de couve eram simplesmente intragáveis então eu disse a ela ah vó está muito ruim então ela me disse viu se eu lhe dissesse você não ia aceitar então você mesmo provou e viu é isso meu anjo mais vale um gosto do que

um milhão vó sempre me chamou meu anjo qual seria a diferença entre meu anjo e anjo da inocência os anjos do céu criaturas do altíssimo anjos arcanjos querubins serafins potestades príncipes e tronos mas quando ogum se manifestava nela ela virava um querubim daqueles que tinham espada de fogo na mão e guardavam os portões do paraíso ou seria um arcanjo igual a miguel o chefe dos exércitos do céu o certo é que vó desaparecia quando ogum baixava

ê mariwô ê mariwô
ê mariwô ê mariwô
ogum kalaxó
ê mariwô ê mariwô

os atabaques gemendo e vibrando ao som ije-xá ogum vestido de mariwô a ráfia da palma do dendezeiro vibrando temível espada no campo de batalha em que se transformava o centro do terreiro depois na hora de se despedir ogum abraçava cada um dos presentes abençoando avisando aconselhando tudo muito rápido porque ogum não suporta vagareza

A cancela da memória se fechou de repente e Padre Jero se deu conta de onde estava e do que estava fazendo. Quanto tempo estivera absorto em suas lembranças? Certamente uma eternidade resumida em poucos minutos. É na

intensidade de minutos que a eternidade engolfa qualquer pessoa. Padre Jero sentiu o peito estremecer com suspiros entrecortados. Sacudiu a cabeça, suspendeu o olhar em direção ao Jesus Crucificado, benzeu-se e retirou-se para a sacristia. Aquele dia precisava terminar, tinha que ir embora para casa.

Na manhã seguinte, depois da missa das sete, foi surpreendido pela notícia: Jó estava na praça, sentado num banco do jardim, dizendo que era deus, clamando pelo *Anjo da Inocência*. Resolveu ir até lá, para ver de perto. E enquanto vencia o corredor entre os bancos da igreja, lembrou-se do sonho que tivera com sua avó, na última noite.

estava na sacristia e, de repente, vó entrou dizendo que queria falar comigo tomei a bênção e ela respondeu no costume de sempre ogum lhe abençoe e continuou não se preocupe meu anjo tudo vai acabar bem desde que você consiga enxergar o que está por trás de tudo isso e olhe aposte no ato falho de deus que você consegue abrir a porta essa é a chave medalha tem duas faces vida de gente também tem agora como entender isto ato falho de deus onde já se viu olhe que juízo de gente inventa cada coisa mas espere aí utilizar um expediente que revele ao próprio Jó que ele não é deus

Da porta da igreja, Padre Jero viu Jó sentado num banco da praça, conversando sozinho. A gesticulação era mansa, porém muito dramática. Resolveu aproximar-se sem ser visto, pela parte de trás do banco, guardando uma certa distância para que não fosse descoberto.

uma pessoa da roda observou cuidado que essa mulher é uma louca e com doido não se brinca foi o suficiente para ogum parar o que estava fazendo e dizer o que sabe você sobre a vida dela para dizer isso e se eu lhe disser que tem muita gente sã internada em hospícios e muita gente louca livre trabalhando e vivendo como se fosse sã me perdoe meu pai a pessoa disse e ogum continuou a fazer o que estava fazendo nunca pude esquecer aquela cena ogum segurando a mulher pelos cabelos e ordenando sai-te daqui ganha teu caminho deixa esta filha em paz sacudiu a mulher pra lá e pra cá e ela caiu no chão se estremecendo toda aí ela abriu os olhos respirando ligeiro e disse o que eu estou fazendo aqui quem são vocês uma parenta que presenciava tudo se aproximou com um choro disfarçado dizendo calma augusta você está num meio de luz de pessoas que estão cuidando de você o pior já passou aí ogum chamou duas pessoas da casa e mandou que dessem um banho de abô e uma defumação de trança de alho na mulher enquanto ele foi conversar com a parenta que coisa impressionante num minuto a

mulher que estava completamente doida voltou a si e já estava sã

Por trás de Jó, Padre Jero viu que ele não estava representando perigo algum para os transeuntes. Deus estava até muito calmo, apenas reclamando contra os pecados da humanidade:

– Sete anos de pastor Jacó serviu a Labão, pai de Raquel, serrana bela. Mas não servia ao pai, servia a ela e a ela só por prêmio pretendia. Os dias, na esperança de um só dia, passava... É essa esperança que deve mover o coração de todos, a todos vocês, minhas imagens e semelhanças. Sejam puros como é o *Anjo da Inocência*. Sejam fiéis até a morte e eu darei a todos a coroa da vida...

Então Padre Jero resolveu apostar na mensagem do sonho que tivera com a avó. Era preciso voltar e ter uma conversa com Gil.

quando tudo acabou ogum se retirou e a família de augusta foi embora com ela antes porém augusta se desmanchou em agradecimentos à minha avó foi aí que vó disse que estava com fome e mandou que pusessem café para ela antes ela me chamou vem cá meu anjo vem tomar café comigo me sentei à mesa e quis saber vó o que foi aquilo o quê a mulher doida não meu anjo ela não é doida então é o que vó ela estava com o espírito de um doido encostado nela e ogum meu pai veio para retirar e o espírito

foi pra onde vó ela respondeu achando graça foi buscar a misericórdia do altíssimo mas já se apartou da mente daquela mulher ela agora não vai mais ser atacada por ele olhe meu filho neste planeta aconteça o que acontecer todos sejam encarnados ou desencarnados temos um destino percorrer o caminho que nos foi dado até nos transformarmos em luz para uns o caminho não é tão comprido mas para outros tem o tamanho da eternidade

– Gil, preste atenção. Jó não está bem das ideias, vive dizendo que é deus...

– Ah, Padre Jero, ele já me disse isso muitas vezes.

– E que mais ele lhe disse?

– Ah, um monte de coisas... que tá todo mundo pecando... que quebraram a imagem dele. Que imagem foi essa, Padre Jero? Eu só ando aqui e nunca vi imagem nenhuma quebrada...

Padre Jero não teve outro jeito a não ser sorrir. Discretamente, porém, como convém a um padre.

– Isso não tem importância nenhuma agora. O importante é que você pode ajudar Jó a se curar.

– Eu?! Como?

– Vai ser muito fácil: você fica prestando atenção no que ele diz, assim, fingindo

que não está nem aí. Vai ter um momento em que ele vai se descuidar e dizer "meu Deus!" Quando ele disser essas palavras, você vai dizer a ele o seguinte: "Tá vendo que você não é Deus! Se você fosse Deus não ia dizer "ai, meu Deus!" Aí, você diz assim: "Eu sou o *Anjo da Inocência* e vou te curar. Pronto: está curado!" Será que você acerta dizer?

– Oxente! Acerto sim, senhor.

– Por via das dúvidas, vamos ensaiar direitinho.

Nem foi preciso ensaiar muito, pois Gil, para os seus 10 anos de idade, era muito esperto e inteligente e até mesmo malicioso, já desperto para coisas que só meninos de rua sabiam... E lá se foi Gil ficar na tocaia para surpreender deus em um ato falho. Na manhã seguinte, lá estava deus sentado no mesmo banco, na mesma praça, pregando os mesmos avisos. Havia até um pequeno número de curiosos em volta dele. Uns sorrindo; outros com pena e outros mais achando um absurdo haver gente capaz de zombar de um homem de Deus pregando em praça pública.

Foi aí que deus foi pego com a boca na botija. Maria Capangueira, uma doida mansa, entendeu de fazer perguntas a deus:

– Então, se tu é Deus mesmo, me diga três coisas: o que é mais leve no mundo; o que zune mais alto no mundo e o que voa mais alto no mundo.

Deus respondeu:

– Não tentarás ao Senhor teu Deus. Ora, meu Deus! Criatura louca, todo mundo sabe: pena, papel, algodão; bronze, aço, latão; bem-te-vi, carcará, gavião.

A plateia ovacionou deus com gritos e palmas. Foi aí, que Gil, gritou:

– Epa, epa, epa! Você não anda dizendo que é Deus? Então como você disse "Ora, meu Deus?" Viu que você não é Deus? Eu, sim, me chamo *Anjo da Inocência* e vou te curar. Pronto: tá curado!

Jó se levantou de supetão, deu um pulo para frente e saiu correndo rua acima. Teve gente que até comentou: "Que menino danado. Quem será que ensinou essas coisas a ele?" Anoiteceu e não se teve notícias de Jó. Padre Jero, preocupadíssimo, começou a conversar sobre isso com os fiéis mais chegados. Nos dias seguintes, pôs anúncio no serviço de alto-falante *A Voz da Cidade*, no *Diário do Povo*, no programa *Cidade Vigilante* da TV local, mandou distribuir panfleto em missas dominicais seguidas e pregar cartaz nos postes e logradouros públicos. O resultado foi uma enxurrada de notícias. Uns viram Jó a pé, na BR; outros, na *Praia do Balneário* que ficava bem distante; outros mais diziam que mataram Jó, que ele tinha sido atropelado. Teve mais: viram Jó num ônibus interestadual. Disseram também que ele estava sendo sacris-

tão na cidade de Santa Clara. Apuradas as notícias, Padre Jero viu que tudo não passava de boatos. Manteve contatos por três meses seguidos com a delegacia de polícia, com a direção do hospital, com o necrotério. Por fim, o tempo foi se encarregando de arquivar as emoções e Jó passou a ser lembrado em raras conversas.

Oito meses após o desaparecimento de Jó, Padre Jero passou por novo golpe: a mãe de Gil o procurou, dizendo que ia embora. Uma pessoa conhecida sua, de um outro estado, entrou em contato com ela e ofereceu ajuda para ela e Gil mudarem de situação. Gil seria matriculado em escola boa e ela também teria um trabalho decente. Agradeceu reverentemente a Padre Jero por tudo de bom que ele tinha feito por Gil. Tomou-lhe a bênção, deu-lhe um abraço de despedida e se foi.

tinha uns catorze anos quando aquilo aconteceu mãe começou a desconfiar e fez um escarcéu até se estremeceu com vó porque vó entendeu que aquilo era coisa de menino e logo ia passar jovelina minha filha meu anjo ainda é uma criança só tem tamanho mesmo cada qual com seu destino mas mãe não se conformou e quando soube que meu padrinho e minha madrinha tinham chegado a passeio não contou conversa foi ver os compadres para pedir ajuda contra meu descaminho contou tudo ao modo dela

num sofrimento de fazer dó então meu padrinho resolveu não se preocupe não comadre se a senhora quiser e deixar a gente leva ele para a capital lá ele vai frequentar escola boa escola dos padres vai fazer boas amizades sair desse meio de meninos perdidos e quando a senhora quiser é só falar que ele volta para junto de vocês mãe nem sequer consultou vó na mesma hora já ficou tudo certo com meu padrinho ela mesma arrumou minha mala de cara amuada e dei por mim numa cidade estranha sem conhecer ninguém fora da família de padrinho fui fazendo amizade com colegas do seminário e um ano depois aquela decisão que veio do fundo de minha alma eu queria ser padre se eu não podia ter o que eu queria então havia de valer as palavras de minha avó neste planeta aconteça o que acontecer todos sejam encarnados ou desencarnados temos um destino percorrer o caminho que nos foi dado até nos transformarmos em luz para uns o caminho não é tão comprido mas para outros tem o tamanho da eternidade o golpe mais duro ainda estava por acontecer foi quando completei meus dezoito anos comecei a sentir uma agonia na cabeça e um farol intenso se acendia diante de mim que me deixava completamente cego e atordoado e as coisas foram piorando até que resolveram me internar acho que perdi a memória não sei nem me lembro do que aconteceu sei que o dia pior começou

quando eu estava escrevendo qualquer coisa na última página em branco do meu adoremos por onde anda aquele livro no dia em que saí do internamento padrinho estava lá para me buscar ele teve que ir falar com o bispo para os padres consentirem que eu voltasse a estudar outro dia eu vou achar aquele adoremos

Tempos depois do sumiço de Jó, Padre Jero precisou fazer uns reparos no telhado da igreja e foi em busca de um carpina, seu velho conhecido. Acontece que o carpina estava com hérnia de disco, sem poder trabalhar, mas indicou Aprígio, um carpina de Monte Verde, parente seu, que estava passando uns tempos na cidade. Padre Jero recebeu garantias de que Aprígio era competente, rápido no serviço e só cobrava preço justo. Tudo acertado, Aprígio procurou Padre Jero e a reforma do telhado da igreja teve início. Padre Jero gostava de ficar apreciando a paciência e a perfeição com que Aprígio trabalhava. Foi se metendo a ajudante e ia ficando por ali o quanto possível. Passou até a almoçar na obra, a fim de também oferecer uma comida melhor a Aprígio. Conversa vai, conversa vem, Padre Jero quis saber sobre Monte Verde, o que Aprígio fazia por lá. A conversa foi ficando miúda e detalhada, à medida que o padre fazia mais perguntas. Lá para as tantas, Aprígio deu uma informação que deixou o padre sem fôlego:

– Eu tinha uma serraria e até que os negócios davam para viver sem sacrifício, mas minha mulher morreu de repente, e eu caí em profundo desgosto. Me deu uma coisa na cabeça e eu não quis mais viver naquela cidade. Vendi tudo e vim aventurar o que me resta da vida por aqui, onde tenho vários parentes. Por sinal, o cidadão que me comprou a casa de morada e a serraria era até daqui, dessas bandas. Um cidadão que tem até o nome de um santo de Bíblia: Jó. Carrega no pescoço uns badulaques desse negócio de gente de candomblé. É uma pessoa de fino trato, de um equilíbrio para fazer negócios que dá prazer. Ele até mandou buscar, tempos atrás, uma senhora daqui, para criar um menino já ficando rapazinho, que ela tem, de pai falecido. Como ele é bom de conversa, me contou essas coisas. Eu não cheguei a ver a senhora que ele citava, mas vi o menino uma vez. Não sei o nome, mas ele chamava o menino de *Anjo*. E por sinal, ele demonstrava um bem querer e um apego pelo menino demais da conta. O menino não podia ir ali que Seu Jó saía logo na porta, chamando por ele. O menino me chamou muito atenção porque nunca vi alguém com uns olhos daqueles: olhos de malícia...

Padre Jero pediu desculpas a Aprígio, dizendo que precisava sair para tomar umas providências para a igreja. No trajeto da igreja

para casa, Padre Jero não pôde pensar em nada, nem mesmo a cancela da memória se abria. Chegou a casa, tomou banho frio, vestiu roupa leve e decidiu passar o resto da tarde lendo a Bíblia, para esfriar a cabeça. Era preciso entender tudo aquilo que acabara de saber pela boca de Aprígio. Aí, lembrou-se do que o carpina dissera sobre os olhos de *Anjo* e foi procurar um retrato de Gil, que estaria guardado em algum lugar. Queria verificar se o *Anjo da Inocência* também apresentava olhos de malícia. Abriu algumas caixas, desatou alguns embrulhos, um pacote aqui, outro ali. De repente, algo embrulhado lhe chamou a atenção, pois não se lembrava mais do seu conteúdo. Desenrolou tudo, até que deu de cara com o seu antigo *Adorem* dos tempos do seminário. Foi imediatamente para a última página. Lá estava escrito, com sua caligrafia:

Vou registrar meu segredo neste *Adorem*. Ninguém sabe quem eu sou e é conveniente que ninguém fique sabendo. Eu sou a luz do mundo. Eu sou Jesus Cristo. Desta vez, vim às escondidas, para ver quem me reconhece. Quando eu partir de novo, vou levar comigo aqueles que me reconhecerem. Vai ser um dia de grande mortandade.

Assinado: Jesus Cristo, Salvador do Mundo.

na porta do ônibus vó se despediu de mim dizendo sei que a gente não vai mais se ver meu anjo mas se lembre sempre orumilá é testemunha do destino ele sabe fabricar no escuro e quando a cabeça da gente dá um nó orumilá ensina como mudar o destino um ano depois vó se foi para sempre e eu nunca mais pisei num terreiro a não ser daquela vez em que padrinho me tirou do hospital e me levou para o terreiro de mãe mariazinha foi lá onde eu retomei posse de meu juízo foi quando mãe mariazinha me propôs a troca de cabeça e eu aceitei que ela fizesse o fundamento eu seria sacerdote mas em compensação não ia ter o que eu tanto queria pois o que eu queria não estava posto no caminho da minha nova escolha jó estava certo em aceitar seu verdadeiro destino é isto quando a gente quer ser deus os atos falhos revelam nossa verdadeira natureza humana mas é hora de me arrumar para a missa das dezoito horas



O batetê





Dalila sonhou com a avó e amanheceu com vontade de comer batetê. D. Jorgina fazia o melhor batetê do mundo. Ai, como tudo na vida se acaba, meu Deus... A noite não foi bem dormida: tinha brigado com Cecéu. Uma semana de mal. Após um café rápido, com mil pensamentos cortando a cabeça, saiu para comprar os temperos: tinha de comer batetê. Aquele seria um batetê caprichado: inhame ralado, sal, cebola, camarão pisado. Ah, sim: um dente de alho bem socado, o toque do mistério. Gengibre! Sim, gengibre! Ah, Cecéu! Ai, ai, meu Deus...

E aquele cheiro, hum!... Sabe Deus as noites varadas nos jogos da cama. Agora, estava ela ali, brigada, estômago sonhando, os olhos revirando na lembrança do batetê e do corpo de Cecéu. E o cheiro? Sim, o dendê... Batetê sem dendê?! Eta pele! Deus queimou a fórmula da tinta depois de pintar a pele de Cecéu. Nem orocum com dendê faz magia igual na praia, em dias de verão. Sim, a frigideira de barro, emborcada, faz tempos. Igual a ela: uma semana sem Cecéu... Também estava levando no capricho: há outras maneiras de se comer...

A caminho do mercado, encontrou Valda. Inevitável falar de Cecéu, do batetê, da noite de estrebuchos, o sonho com a avó. E como Valda gargalhou. Dalila estava picante na mistura dos gostos do corpo e da boca. Risadas soltas sem censura, chistes e frases de efeito, lá se foi cada uma para seu destino: Valda para casa, e Dalila para a cozinha da inventiva e da criatividade. A todo instante, Dalila tropeçava em Cecéu: as prateleiras, os tabuleiros, o mercado. Gente pra lá e pra cá, Cecéu dançando no vaivém do pensamento. Olho aqui, mão ali, coração por aí.

Gengibre! Ela, gengibre no ralo. Cecéu ralando por dentro, as mãos carnosas pra lá e pra cá. E aquele gosto de Cecéu? Camarão de água salgada, o melhor gosto do mundo, seco ao sol, catado, pilado. É assim que Cecéu sabe fazer... E o inhame: inhame-da-costa, melhor que o inhame-caiçara. Será que existe inhame-cecéu? Eta raiz carnuda! Descascar, ralar o inhame cru, a baba engrossando no ralo e logo, logo, acrescentar os temperos. Aí é não ter pena dos braços, bater com colher de pau, até a massa ficar fofinha. Cecéu também é assim, ai, ai... Alho suculento, cebola bonita, tudo ralado, mistura no inhame e vai batendo, e vai batendo, e vai batendo. Ah, sim: o sal: coisa insossa não vale a pena. Aquele suor salgadinho que Cecéu tem. Ah, barriga salgada, macia, fofinha...

Bom; camarão já lá dentro... O que mais? Ah, sim: a flor do dendê. Aquela cor inconfundível do prazer. Prazer de ver, prazer de olhar, prazer de cheirar, prazer de comer. A pele de Cecéu tem dendê: escorregadia, lisinha, lisinha... A frigideira de barro, aquecida, a labareda média pra não queimar. Oh, coisa bonita, o azeite fervendo. E os bolinhos, ajeitados na colher, de um em um, borbulhando no azeite... Retira do fogo e deixa escorrer a gordura. Aí, entra-se no paraíso. É um nirvana completo: mãos, boca, beijos, língua...

A sacola arrumada em direção ao caixa. Ao levantar os olhos, quem está ali? Ele, batetê saído da frigideira fervente, Cecéu, trazido por Valda. Viva a amizade! Isso que é amiga. A agonia foi tanta que a sacola caiu da mão e as compras se esparramaram pelo chão. Gente sorrindo, gente catando, e ela, ali, bolinho de inhame fritando na frigideira. Ninguém falou, ninguém disse nada. Cecéu pegou outro litro de dendê, pagou a conta. Valda deu até logo aos dois.

Agora, haveria um dia inteiro pra fazer e comer batetê.



O
Caboco
Boiaqueiro





Sobre aquela história que você me perguntou e eu prometi contar, ela aconteceu com gente conhecida minha. E eu nem me lembro mais direito como foi que tudo aconteceu. Sei bem que eu conheci algumas das pessoas envolvidas. E para não ser injusto, preferi ir em busca de quem viveu os altos e baixos acontecidos. Dei de cara com uma dificuldade enorme. Dona Germana e Apolinário já são falecidos. Logo eles, duas das principais figuras da história. E ainda mais: a finada Germana sempre detestou esse negócio de espiritismo, caboclos, encantados. E foi justamente por causa de um caboclo que tudo aconteceu. Bem... Mas aí já é o que penso sobre o assunto. E eu não quero ser injusto com as pessoas.

Pois bem. Foi uma luta, para convencer a finada Germana a participar de uma reunião com gente viva. E ainda mais: com gente que causou a sua morte. Lá me vou eu novamente, com meus julgamentos precipitados. De início, ela não quis saber de contato comigo. E quando soube qual era o assunto, aí a coisa ficou braba. Mas como você bem sabe, mais vale amigo no

além do que mil amantes num harém. Sabe a quem recorri? Ao finado Jorge. Não deu outra. Ele buliu com os pauzinhos, virou daqui, virou dali e convenceu a finada Germana. Me disseram que ele falou com ela sobre a importância de instaurar a verdade, o trato generoso para com os encarnados. E ela, movida pelo espírito da Caridade, terminou por aceitar. E quanto ao finado Apolinário, ele estava num departamento cujo acesso era impossível para muitos, inclusive para ele, o finado Jorge. Ninguém se atreveria nem sequer a pensar em ir a tal lugar. Que eu me conformasse com isso e, como ele mesmo já tinha escrito tempos atrás, “Não se pode ter tudo.” Era só conferir no livro dele. O finado Jorge ainda disse que as providências para a materialização da finada Germana no meio do grupo ficariam a meu encargo.

Resolvida essa primeira parada, me restavam quatro espinhos cravados no meu calcanhar: encontrar as demais pessoas, cujo destino era ignorado; convencê-las de se reunirem para contar a história; aceitarem a presença da finada Germana e providenciar um aporte para ela. Pensando nisso, uma dúvida amarga me subiu à boca: e se os vivos não quisessem meia com a finada? Mas eu prometi. E palavra dada, vida empenhada. Me joguei no mundo. Não vou contar o que foi preciso fazer, nem como eu fiz, pois seria enfadonho demais. Mesmo, o importante

seria eu cumprir com minha palavra dada. E cumprir com brio, honradez e honestidade. Sei que muita gente não dá mais valor a isso. Mas para mim, é coisa fundamental. Por isso mesmo é que me recusei à prepotência de quem sabe tudo, para contar o que sei. Resolvi nem participar da reunião. Deixa cada um dizer o que sabe, o que pensa, o que sente.

Devo dizer que o único aporte que a finada Germana aceitou foi a *internet* e o que os demais são analfabetos digitais. Aí, a coisa engrossou de novo. Não foi fácil o grupo aceitar a presença de alguém de fora só para servir de intermediário para a finada Germana. Afinal, ela não seria melhor do que os outros – todos disseram. E teve mais uma: o negócio teve de ser combinado também com a finada Germana. Eu não iria correr o risco de colocar tudo a perder. Ela, a finada Germana, poderia não aceitar a pessoa estranha escolhida e se recusar a participar do encontro. E outra vez, o finado Jorge entrou em cena. Ah, criatura iluminada!

George Pellegrini foi minha salvação. Viu bem? Já é o segundo Jorge... Essas coisas não acontecem à toa. Pois bem. George é moço simples, sempre alegre, fala cerrado entre os dentes, igual a um índio. Aliás, ele é *cabocolado*. Meio baixo, meio troncudo, houve um tempo que eu gostava de chamá-lo Gabiru. Sabe que ele nem se incomodava? Ao contrário: achava

graça. Aquilo que é uma pessoa de bem consigo mesmo. Tem mais: sabe dessas coisas de *internet*, computador, que é uma beleza. Falei com ele. Topou na hora. Disse que não perderia uma coisa dessas por nada neste mundo. E quando eu quis acertar o preço, sabe o que ele disse? “Que nada, o preço já está pago.” Desta vez, mais vale amigo na praça do que dinheiro na Caixa. Teve mais: nem a finada Germana pôs obstáculo à presença de George. Aqui, pra nós: ele também mexe com essas coisas de encantados. A família dele toda também. Graças a Deus, a finada Germana nem desconfia disso.

Mas a finada Luzia dizia que ninguém se julgue feliz por estar em bom estado, pois vem a sorte tirana e faz do feliz desgraçado. Advinhe... Estava eu já deitado para dormir e o telefone tocou: era Nunuca Preta. Apenas me disse o seguinte: “Olhe, eu tenho um bilhete muito importante que mandaram por mim, para você. Mas acabei de chegar do trabalho agora e estou morto de cansado. Amanhã, de manhã, passo aí, bem cedo, para lhe entregar.” Prucutu! Desligou. E fiquei eu na agonia de minha curiosidade. Aí, você já sabe a terceira idade como é: sono se vai, bicho morde, cama esquentada, pé esfria, dá sede, dá fome, gritos na rua, muriçoca... Na manhã seguinte, Nunuca chegou, trazendo uma folha de papel ofício dobrada em quatro. Me entregou o papel, dizendo: “Tá sentado? Pois abra

e leia!” Quando eu abri o papel, quase caio de costa: era a letra escarranchada do finado Jorge, escritinha. Até a assinatura era igual, igual:

Caro Amigo, outro dia você me pediu que eu arranjasse as coisas por aqui, para você. Agora, quem pediu sou eu: não deixe de levar Jorge Araujo para o encontro. Isso é fundamental, para que a verdade seja restaurada. Amanhã, estarei dando mais uma chegada na Europa. Ainda não perdi esse costume. Até a volta, em outubro. Um abraço amigo do Jorge.

Me disse Nunuca que Zélia Possidônio tinha ido à Sessão de Seu Moreira. Lá, Ivone psicografou uma mensagem mediúnica do finado Jorge, para mim, e pediu que fizessem com que eu tomasse conhecimento do recado. Zélia, então, se prontificou para a tarefa. Confesso que fiquei zozzo. Teria de manter todos os contatos outra vez. Primeiro, seria convencer Jorge Araujo de tal empreitada. Pois bem. Fui ver o terceiro Jorge. Você está vendo isso? Já são três... Conversa vai, conversa vem, uma cerveja de cá, uma cerveja de lá, política, literatura, livros, projetos, e por aí vai. Lá para as tantas, meti o dedo na ferida. Conte tudo. Olhe, Jorge Araujo

é um sujeito tão sabido, mas tão sabido... Escreve como uma beleza. O homem diz cada coisa, pena que esse povo abestalhado não presta a atenção no que ele diz. Pois estava Jorge Araujo todo bonachão, barbudo feito um papai-noel, todo esparramado nas almofadas da sala. Não parava de fungar o nariz, no eterno comichão provocado pela fatídica coriza. Riu, riu, riu tanto, esfregando as pernas uma na outra. Depois, sentou-se e sentenciou: “Professor, marinheiro somos, na carreira andamos. Pode contar comigo. É só me informar dia, horário e local.” E continuou rindo sem parar. De lá, saí para ver os outros. Dessa vez, ela que me perdoe, mas a finada Germana não seria consultada, pois meu contato estaria viajando. Mesmo Jorge Araujo é assumidamente cabeça de Oxóssi, o grande caçador, boa aura, bom papo, gente da luz. Saberria convencer a finada Germana, caso ela fizesse cu doce, na hora da reunião. Afinal, Jorge, o finado, tinha recomendado Jorge, o vivo. Viu? Notou isso também?

No dia acertado com todos, lá fui eu para o local do encontro. Tive o cuidado de providenciar o computador e todos os acessórios que George pediu. Mas antes, George me garantiu que eu ficasse tranquilo. Ele ia gravar um CD, com todas as falas, inclusive registrar as frases da finada Germana.

GABIRU.

Este professor me sai com cada uma... Vamos arrumar a sala assim: Dona Idália senta aqui, nesta cadeira. A mãe de Idália, aqui, nesta poltrona, que é mais confortável. Francisca, aqui. Tonho Vaqueiro, ali. Maria, junto de Jorge. Agora vou instalar o computador. A finada Germana prometeu falar através dele. Onde tem tomada aqui? Enquanto eu instalo o aparelho, vamos acertando quem fala primeiro, quem por último. Quem fala depois de quem. É preciso que a história faça sentido. Tudo tem que ser organizado. Dona Idália, por que não acende uma vela pra o Caboco Boiadeiro? É bom se prevenir. Melhor que remediar. Mesmo, esse negócio da finada também se meter no meio... Sabe como é: caboco é protetor.

– Eu pensei nisso, mas fiquei receosa de outros não gostarem

– Que nada, menina. Acenda tua vela. Se não fizer bem, mal também não faz. E o que não é para sempre, uma vez só não faz mal...

Ruído de cadeira sendo arrastada. Tosse. Garganta sendo temperada. Buzina de carro. Latido de um cão.

– Brimm!

– Ah, esqueci de avisar: desliguem todos os celulares e o telefone fixo também. Nada deve interferir... Senão, atrapalha. Qualquer coisinha, a comunicação pode cair.

– Alvina, desligue aí, esse telefone da outra sala!

Silêncio.

– Pronto!

– Vamos lá, então. Pc ligado, *internet* ativa, sala de bate-papo. Cidades e Regiões, Nordeste, Bahia. Pronto! Quase todas as salas vazias. Vamos ver, vamos ver... A de número 7. Pronto... Agora, é aguardar a chegada da finada Germana. Minha preocupação é que ela é das antigas e pode ser que nem saiba usar computador.

– Que nada, menino. Dizem que quem está do outro lado sabe de tudo.

– Dizem também que esse negócio de não saber é apenas dos encarnados...

– Tomara!

Silêncio. Canto de galo. Pigarro. Choro de menino. Rincho de jegue. Silêncio. Sons imprecisos e difusos. Bocejo. Silêncio.

Proc prac proc prac prac proc proc prac...

(13:39:18) **George** entra na sala...

(13:40:00) **Germana** entra na sala...

– Chegou! Tá dizendo por escrito “Deus lhe dê boa tarde, meu filho!”

– Diga: “O mesmo para ela”.

Proc prac proc prac prac proc proc prac proc prac prac prac...

Silêncio.

– Ela tá dizendo que vai ser a última a falar o que sabe. Quer saber o que cada um tem a contar também...

– Pode ser...

– Quem começa?

– Eu...

MÃE DE IDÁLIA.

A gente tava fugindo da seca do norte. Dias nas estradas poeirentas. Vez comia; vez, não. Porfírio, meu marido e pai de Idália, nem tinha mais tino pra nada. Fome, cansaço e sede. A gente parou embaixo do coqueiro, na beira da estrada, em frente à casa da fazenda. A gente ficou com medo que vissem nós e botassem a gente pra fora. Ficamos ali, quietinhos. Mais tarde, a gente fez um foguinho e assamos um pedaço de carne que deram a Idália na feira. Olhe, quando eu via aquela menina, minha filha Idália, já com 17 anos, bonita, de cabelos que era uma beleza, tão maltratada, magra assim, minha dor aumentava. Por mim, não, que já tava perto de sair deste mundo. Mas minha filha não merecia aquilo. Meu único consolo era o Caboco Boiadeiro. Ele baixava em Idália. Um dia, ele mandou que a gente tomasse a direção da terra do cacau e fosse pra uma cidade chamada Itabuna. Lá, as coisas iam ser diferentes pra gente. Ele

garantia. Foi assim que a gente veio parar aqui. A gente chegou de noitinha e se agasalhou debaixo do coqueiro. No outro dia, bem cedinho, o vaqueiro veio saber o que a gente queria. Sabe como é: gente como a gente mete medo. O povo pensa que a gente é ladrão, cigano, essas coisas assim. O vaqueiro conversou um bocado com a gente. Depois, deu meia volta e entrou na casa da fazenda. Aí, trouxe de lá um bocado de coisas pra nós: umas panelas, panos, cobertas, comida, roupas, tudo, tudo, tudo. Mas o vaqueiro voltou acompanhado do finado Apolinário (Deus te chame lá). Ah, criatura boa! Quando ele viu a gente naqueles estados, não contou conversa: perguntou tudo da gente, quis saber tim-tim por tim-tim. Também não disse nada. Saiu. Depois do meio-dia, já tava de volta, dizendo: “Arrumei uma casa para vocês. Seu Zé (ele só chamava Porfírio de Seu Zé), você vai ficar trabalhando pra mim, aqui na minha fazenda. Tonho Vaqueiro vai lhe ensinar tudo. Tô precisando de alguém pra trabalho. A senhora fica em Ferradas, com Idália. Prometo que não vai faltar mais nada pra vocês.” E aí, já foi botando a gente na caminhonete e lá se foi a gente com ele. Quando a gente chegou em Ferradas, quase tive um ataque. Nunca imaginei de morar numa casa daquela. Banheiro, cozinha, três quartos, sala, varanda... Eu me lembro que disse assim: “Mas, Seu Apolinário, pra que uma casa tão grande? A gente não tem nada pra botar nessa

casa, nem roupa a gente tem...” Ele respondeu: “Não tinha, mas agora vai ter. Espere só...” Aí, botou a gente naquela casa, chamou Francisca Lavadeira, deu dinheiro a Idália e mandou Francisca Lavadeira levar a gente pra comprar roupa e calçado no comércio. Quando a gente voltou, já tinha cama, mesa, prato, copo, xícara... Olhe, de um tudo. Eu nem acreditava no que meus olhos tavam vendo. Deus existe. Caboco Boiadeiro cumpriu o que prometeu. Aí, Porfírio passava a semana na fazenda e só vinha sábado de tarde. Eu arranjei uma lavagem de roupa, mas Seu Apolinário não gostou. Tive de largar. Ele dizia que era pra eu tomar conta de Idália. Botou ela na escola de Ferradas, botou pra aprender a bordar e a cozinhar. Em pouco tempo, a gente não tinha mais traço de retirante. Passei até a ajudar outras pessoas necessitadas. Lá em casa, não faltava nada. Depois foi que Seu Apolinário deu aquela doidice de largar a esposa e passou a dar em cima de Idália. Terminou Idália virando mulher dele e passou a ser dona de tudo... Mas Deus sabe que a gente não teve culpa.

IDÁLIA.

Foi quando a gente morava no Cafundó... Aliás, não morava: se escondia. Aquilo era uma vida de bicho: todo mundo passando necessidade. Quando eu fiz meus 14 anos, fui assistir

uma ladainha do Divino, na casa de Dona Esperança. Na hora de beijar o altar, me deu uma tonteira e eu caí desacordada. Aí, o povo diz que o Caboco Boiadeiro se manifestou em mim. Chegou, salvou, ensinou remédio a quem precisava. Todo mundo ficou admirado daquilo. Logo eu, que sempre fui retraída, sossegada no meu canto. Aí, o Caboco Boiadeiro ficou useiro e vezeiro. Toda vez que tinha reza na casa de Esperança, ele baixava. Depois, Esperança morreu, o lugar deu pra trás, até que veio a seca e a gente tudo teve de sair de lá. Foi aí que Caboco Boiadeiro disse à mamãe que a gente devia vir pras terras do cacau. Na noite que a gente chegou, eu já tava tonta de tanta fome. Primeiro, a gente passou por muitos lugares, sempre mal recebidos. Quando o vaqueiro chegou pra perto de nós, eu já tava esperando ele botar a gente pra fora. Mas desta vez, foi diferente. Depois chegou Apolinário. Ah, Apolinário cheio de cilada... Não vou dizer que ele fez tudo por interesse em mim. Que foi uma pontinha disso, lá isso foi. No princípio, ele todo respeitoso, cerimonioso. Mas só não via quem era cego que ele estava interessado em mim. Nos começos, até pensei que ele queria mamãe. Olha só que besta eu fui. Um dia, ele se declarou. Estava interessado em mim, queria me fazer feliz. Mas aí, eu disse a ele: “O senhor tem sua mulher.” Ele, então, me explicou: “Mulher, nada, Idália. Há muito tempo a gente

não tem mais nada. A gente vive junto por causa de minhas duas filhas, que ainda são de menor.” Eu disse assim, pra ele: “Mas tem o povo, todo mundo vai falar. Tem os parentes. O que é que o povo vai pensar, vai dizer de mim?” Ele tornou a rebater: “O que a gente fizer não é da conta de ninguém. Você é quem sabe: se quiser ser feliz, é pegar ou largar. Mas eu não vou desistir de você tão fácil, assim. Se quiser mais segurança, eu tiro Germana amanhã mesmo pra cidade. Levo ela, filhas e tudo. Aí, o caminho fica livre para nós.” Confesso que tive vontade de dar o sim naquele mesmo instante. Me recordei dos tempos passados, das necessidades que a gente passava. Cheguei a catar comida no lixo. Me lembrei de papai, não sabia o que ele ia pensar. Mamãe, não; era mais fácil de convencer. Pedi a ele três dias pra pensar. Ele concordou. No outro dia, chegou a notícia: Dona Germana ia se mudar pra cidade, pra tratar do coração e botar as meninas em colégio bom. Nem esperei os três dias de prazo. Dei logo meu sim a Apolinário. Mamãe ficou em Ferradas, com papai, e eu me mudei pra casa da fazenda. Dona Germana nunca mais voltou. Ficou na cidade, até quando faleceu. Quando Apolinário conheceu o Caboco Boiadeiro, ficou perdido de encantamento. Me levou ao terreiro de Pai Edami, que fez todos os meus assentamentos de orixá. Apolinário mandou logo fazer uma capela de devoção

na fazenda, onde Caboco Boiadeiro atendia quem procurasse por ele. Chegou a separar um pedaço de mata para as obrigações de Caboco Boiadeiro. Lá, ninguém podia pisar, a não ser com ordens dele. Eu mesma bordava as roupas de casa: toalhas, pano de prato, lençol. Gostava de ler as revistas trazidas por Apolinário, quando ele ia à cidade. Mas eu gostava mesmo era de fazer comida. Preparava tudo que Apolinário gostava de comer. Ah, aquelas feijoadas, nos domingos. Vinha era gente pra comer. Quando se matava porco, o sarapatel era motivo de festa. Todas as datas boas, a gente fazia um festão na fazenda. Contratava sanfoneiro, zabumba, o que fosse preciso. Chegava a matar um boi. A gente vivia num paraíso. Apolinário me tratava às velas de libra. A gente vivia de carinho, de amor. Mas um dia, Caboco Boiadeiro chegou e se despediu de todos, dizendo que o tempo dele tinha chegado, que ele ia pra Aruanda e nunca mais ia baixar. Que doravante, eu cuidasse de mim mesma. Foi um chororô sem fim. Apolinário, mesmo, chorou três dias com três noites. Depois disso, ele nunca mais prestou de saúde. Foi ficando cheio de achaques, até que, três meses depois, teve uma crise do coração. Quando a gente conseguiu chegar com ele, no hospital da cidade, já era tarde. Meu mundo desabou. Agora, eu não tinha mais nem Caboco Boiadeiro, nem Apolinário. Quando eu me dei conta, vi

que não tinha um fiapo de coisa no meu nome. As duas filhas de Apolinário já tavam formadas. Todas duas doutoras: uma advogada (logo o quê) e a outra dentista. Vieram logo em cima de mim. Apesar de meus direitos também, tive de sair da casa da fazenda, escorraçada. Dizem que compraram até a juíza. O certo é que terminei como vocês tão me vendo aqui...

FRANCISCA.

Foi assim... Poucos dias depois que esse povo apareceu debaixo do coqueiro, a finada Germana me tocou no assunto. Eu tinha ido buscar a roupa suja pra lavar. Fui lavadeira da casa durante anos a fio. Aí, ela me disse assim: “Ô, Chica, tu já viu esse povo retirante que chegou aqui, na fazenda? Eles, agora, tão em Ferradas. Menina, eu tô tão preocupada... Sabe, é um interesse de Apolinário por essa gente, que tá chamando atenção. Eu soube, por portas travessas, que Apolinário alugou até casa, pra essa gente, em Ferradas. Ele já botou o velho aqui, como trabalhador... Sei não, Chica. Olhe que eu fui tão caridosa com essa gente, no dia que eles chegaram. Tinha um bocado de breguesso aqui, em casa, que eu tava pra jogar fora. Eu dei tudo a eles: roupa, panela, toalha, lençol, saia, vestido, tudo, tudo. Coisas que ainda serviam. Preparei um saco de coisas de comer, tinha umas

coisas na despensa que não eram usadas e eu dei tudo. Preciso de você, Chica. De sua ajuda. Me ajude, que eu ajudo você. Vou até te dar um aumento.” Perguntei a ela, como era que eu podia ajudar. Ela me explicou tudo. Bastava que eu contasse a ela tudo que eu soubesse. Ela foi lá dentro, arrumou um bocado de coisa num saco e me deu. Saí de lá, com a alma renovada. Agora, minha patroa tava comigo e eu tava com ela. Mas teve uma coisa que eu nunca contei a ninguém até hoje. Ela me disse: “No mesmo dia que esse povo chegou, Tonho Vaqueiro foi lá, botar um verde pra colher maduro. Disseram a ele que a moça dá um tal de Caboco Boiadeiro. Ai, Chica, entrei em desespero. Sou da Igreja e não vou combinar com gente que tem ligação com essas coisas. Esse negócio de Caboco Boiadeiro só pode ser coisa do Demo. Fui eu mesma quem pediu a Apolinário que desse um jeito de tirar esse povo daqui, das nossas terras. E graças a Deus, ele fez isso na mesma hora. Caboco comigo é assim: ele tem flecha e eu tenho o terço. Ave-Maria!”

Saí de lá sentindo uma coisa diferente em cada banda do corpo. Uma foi que eu sabia: pra cada notícia que eu levasse ia trazer um saco de coisa. Outra é esse negócio de bulir e detra- tar um invisível. Bole com quem não conhece e veja o que te acontece. Não deu outra... Depois, foi o próprio Apolinário que deu em cima da

moça. E ainda mais: a finada Germana vivia só pro umbigo dela. Nunca olhou pras necessidades do povo de Ferradas. Uma mulher rica, que tinha de um tudo, só dava alguma coisa a alguém, quando era um troço imprestável pra ela. Ou quando queria comprar alguém... Eu mesma, me lavei, porque fingi o tempo todo que ela estava me comprando. Todo mundo sabia que Apolinário não passava sem uma rapariga. Ou ela não via, ou fingia que não via, nem sabia. Dizem as más línguas que, há muito tempo, o casal não dormia mais junto. Mas disso ninguém nunca teve certeza. Eu nunca disse a ela da minha amizade com o povo de Idália. Aquela gente nunca me fez mal nenhum. Não seria eu que ia me meter nisso. Sabe como é: em samba de pombo, urubu não se mete.

TONHO VAQUEIRO.

Pois é. Quem viu esse povo primeiro fui eu. Ia cuidar das vacas. Era cinco horas da manhã. Passei perto do coqueiro, vi aquele povo, mas nada perguntei. Na minha volta, a finada Germana quis saber. Mandou que eu fosse lá e procurasse saber de tudo. Quando eu disse que tinha uma moça de 17 anos no meio, ela endoidou. Disse: “Tonho, isso é um perigo... Preciso bolar um jeito pra tirar esse povo daqui. Já sei: vou abarrotar eles de coisas. Pode ser que

eles, recebendo coisas, caminhem para adiante.” E quando eu dei a notícia do Caboco Boiadeiro, o mundo veio abaixo. Ela disse: “Vamos ver quem ganha, se é eu ou esse Caboco de mentira.” Aí, deu no que deu. Pouco tempo depois, os achaques dela pioraram. Seu Apolinário, que sempre teve cuidado com ela, levou ela pra se tratar na cidade. Também tinha chegado o tempo da escola das meninas. A situação dela foi piorando, foi piorando, e ela nunca mais pôde voltar pra fazenda. Aí, tem aquele negócio, não é? Seu Apolinário ainda tava um homem forte. E se era de ficar por aí, hoje com uma, amanhã com outra, com essas interesseiras, que só querem o dinheiro de homem, ele se arrumou com Idália. Sabe que Idália trouxe até muita sorte pra ele? Os negócios prosperaram ainda mais. Ele vivia muito feliz com Idália. Ela também soube zelar dele e de tudo que ele possuía. Pena se acabar tudo como se acabou. De minha parte, hoje tô aposentado. Sempre passo pela casa de Idália – Não é Idália? – tomo um cafezinho, conversamos muito, lembramos dos tempos bons. Já com as filhas do finado Apolinário, elas nem sequer me dirigem a palavra. Elas e a mãe delas sempre julgaram que todo mundo da fazenda era falso e contra elas. Quanta bobagem... Que ninguém foi culpado de nada. O finado procurava na rua o que ele não achava em casa. Terminou achando...

MARIA.

Cheguei aqui, pelas mãos de Chica. Meu povo vivia nos Ilhéus. Meus parentes do passado foram cativos. E sabe como é: gente preta, que veio dos cativos, é pra amassar barro pra rico. Saí pelo mundo, depois que perdi meu pai, que morreu ofendido de cobra na Fazenda Cajazeiras. Mamãe foi fazer uma canjica pra Dona Permínia e o que aconteceu? Aconteceu que ela, suada, quente do fogo, quando foi saindo da casa da fazenda, tomou uma chuva. Isso deu uma tosse. Depois, a tosse virou doença do peito. Dona Permínia nem deu importância. E lá se foi mamãe, ainda bem nova e forte. Fiquei sem parente, nem aderente, hoje aqui, amanhã ali, até que vim parar na casa da finada Germana. Lá eu fazia de um tudo. Não me faltava nada, é verdade, mas também só me restava o trabalho da casa, entrava ano e saía ano. Quando ela foi pra cidade, eu não quis ir. E ela, o que fez? Ficou com raiva de mim e não me deu nada por esse tempo todo que eu trabalhei pra ela. Foi aí que o finado Apolinário, vendo aquela injustiça toda, me disse pra eu continuar na casa da fazenda, que Idália ia ser a nova dona. Não tenho do que me queixar de Idália. Ela foi uma verdadeira irmã pra mim. Me tratou como gente. Pra todo canto que ia, me levava com ela. A gente contava casos e dava muita risada juntas. Quando eu adoeci das pernas, Idália me deu até banho. Caboco Boiadeiro gostava

muito de mim. Era eu quem tomava conta das coisas dele. Senti muito com a injustiça que fizeram com Idália: só deram uma rocinha de nada a ela, pelos tempos dela com o finado. Aí, veio logo esse negócio da vassoura-de-bruxa e adeus, roça. Ficou a terra, mas Idália, cheia de desgosto, também se desfez dela. Minha valença é que o finado Apolinário, a pedido de Idália, combinada com Caboco Boiadeiro, me deu uma casa pra morar, passada em meu nome e ainda abriu uma caderneta de poupança pra mim. Ele mesmo me pegou pela mão e me levou pro banco. Isso tem garantido meus dias. Como é que eu ia achar essa gente ruim? Se fosse pela finada Germana, eu tava na porta da igreja, estirando a mão à caridade dos outros. Agora, o que aconteceu entre ela e o finado é coisa lá deles, eu nunca me meti. Não era da minha conta. Mesmo, eu não tava na casa pra ser espia. Sabe aquela história da caveira? Um homem tava viajando e, em certo lugar, viu uma caveira espetada num pau. Que fez ele? Perguntou assim, brincando: “Caveira, quem te matou?” Pra surpresa dele, a caveira respondeu: “Foi a língua!” O homem quase morreu de susto e saiu daquele lugar, em desabalada carreira. Quando chegou na cidade, foi diretamente ao palácio, contar a novidade ao rei. E o rei, que detestava conversa de mentira, disse: “Por pena de morte, me leve a esse lugar, pra caveira responder na minha vista. Se for verdade, você pode se considerar

um homem rico desde já.” Chamou os guardas e uma grande comitiva foi conduzida pelo homem. Ele já ia pensando o que fazer com a fortuna que o rei ia dar a ele. Chegaram no dito lugar. A caveira estava espetada no mesmo pau. O homem fez a mesma pergunta. E a caveira, calada. Perguntou várias vezes, e nada. Então, o rei mandou degolar o homem ali mesmo. Quando cortaram a cabeça do homem, a caveira respondeu: “Foi a língua!” Agora, já era tarde. Pois é: o falador passa mal.

FINADA GERMANA E GEORGE.

– Agora, o negócio é diferente. Em vez de ouvir, ler. Ô, Jorge, não se pode salvar em arquivo o que se digita em sala de bate-papo. Então, você filma o que aparecer na tela. Olha, é só dirigir a filmadora nesse ângulo, apertar aqui. Mantenha sempre esse foco. Olhe por aqui, e você vai ver se o foco está ajustado.

– Muito bem. Isso que é um rapaz sabido. Sim, mestre: eu ouço e obedeço...

(14:40:10) **George** fala para **Germana**: pronto dona germana. boa tarde.

(14:40:58) **Germana** fala para **George**: boa tarde meu filho. deus deh boa tarde a todos jah disse

(14:41:03) **George** fala para **Germana**: a senhora pode começar qndo quiser

(14:42:00) **Germana** fala para **George**: ouvi td ateh agora calada muda conforme combinado. vc diga a todos: ñ sabem da missa a metade.

(14:43:07) **George** fala para **Germana**: p q?

(14:44:03) **Germana** fala para **George**: pq kem tem sua dor eh kem geme...

(14:44:51) **George** fala para **Germana**: ?

(14:45:02) **Germana** fala para **George**: conto td

(14:45:20) **George** fala para **Germana**: tamos aki pra ouviriler

(14:45:59) **Germana** fala para **George**: qndo me casei com apolinário fiz d td p/ ajudar ele subir na vida. mas desde o principio comecei sentir baticuns no coraçaum. dei + importancia pras minhas responsabilidades d esposa mãe e dona d casa. fingi muito kerer dormir sozinha, mas era pq meu corpo ñ aguentava participar da cama com meu marido. tive muito medo d ñ viver pra criar minhas filhas. por isso mesmo fiz toda a economia possível. nunca desperdicei recurso nenhum. sabia q vivia cercada d aproveitadores. ensinei muitos deles como eh q se engana gente... botei muito esperto no devido lugar. essa terra estah cheia d gente q vive apenas imaginando como tirar um pedaço d kem tem +...

(14:51:13) **George** fala para **Germana**: e...

(14:51:57) **Germana** fala para **George**: kerem diferente, mas repare: vc distribui c/ um q desperdiça na caxaça. c/ outro, q perde tudo no jogo. c/ + outro, q não sabe o qnto custou. resultado kem dá o q tem a pedir vem

(14:57:01) **George** fala para **Germana**: mas keremos saber o q d fato aconteceu

(15:58:18) **Germana** fala para **George**: jah expliquei

(15:58:58) **George** fala para **Germana**: mas foi combinado p/ cada um narrar o q ocorreu a partir d seu próprio ponto de vista

(16:59:59) **Germana** fala para **George**: os mortos enxergam o mundo d forma diferente dos vivos. td akilo q um vivo disser sobre um morto jamais corresponde a verdade. d q adianta falar sobre coisas q vcs ã vaum entender? perguntem as paredes d minha casa. tudo q vivi estah gravado nelas. mas um morto serah sempre akilo q os vivos disserem dele. ã adianta kerer diferente. um humano tb jamais serah o q ele pensa q seja. serah sempre o q o outro diz q ele eh

(17:06:27) **George** fala para **Germana**: sei... pensei q ia contar o q sabe

(17:08:02) **Germana** fala para **George**: de tudo o q foi dito, eu sou a unica q ã sabe d nada. o contar soh tem sentido na existencia. e o q resta

eh o silencio sobre os mortos. ñ era isso q vcs keriam saber? entaum jah xega. agora voumiborra. meu tempo akabou

(17:11:13) **George** grita para **Germana**: JAH VAI?

(17:11:17) **Germana** fala para **George**: ñ grita ñ vai adiantar adeus bjs

(17:17:17) **Germana** sai da sala...

GEORGE E JORGE.

– Ela saiu...

– Putszgrila! Escafedeu-se. Nervosinha, essa finada. Ai, meus colh...

– O senhor gostou?

– Home, pra te dizer a verdade... Bem... Sabe como é... Né?... Mas não vamos confundir Nabucodonosor com nabo no cu do senhor... Agora, que teve uma coisa muito interessante mesmo, lá isso teve...

– Sim?

– É o jeito de ver as coisas. Vou levar essa maçaroca pra casa. Depois, digo o que penso. Mas antes, me deixe pensar...



O Desapego





A noite da dengue baixou, avassalando tudo. Uma fila indiana invadiu o quarto, sinal de que o censor tinha dormido. Dentro do cérebro, alguém estava batendo claras em neve e mal conseguiu ligar o abajur. Na pele, expostos, os terminais dos nervos e da alma. Tudo era uma dor só. Sem a censura, terminou concluindo:

- Coisa boa é ausência de censor, dá até para a gente se ver melhor.

E começou a ensimesmar.

Margô vinha à frente da fila. Ela vendia marisco e virava camarão. Dava saltos para trás. Eta bicho danado, tão diferente de caranguejo, porque pula... Não! Caranguejo anda para trás e vive na lama. Daí, porque o povo do candomblé não come caranguejo. Camarão salta. Margô, vermelha, vestida de holandesa, vendendo na feira. Maria de Ló Urdes foi pavão na outra vida. Na cabeça, o cravo. E do cóccix, saía um leque vistoso, que ela até hoje expõe na porta da rua. Olívia foi lagarta, depois virou borboleta e cantava com sua voz soprano lírico ligeiro:

Acorda, vem olhar a lua
Que brilha na noite escura
Querida, és linda e meiga
Sentir seu amor é sonhar

Dina virou uma bola de vento. E no centro da bola, um segredo: uma estrela de cristal. Aí, uma das pontas da estrela estava quebrada. Mas saía tanta água, tanta água... mas tanta água!... A diretora estava manifestada com Oiacô, a Mãe da noite. Tinha um ventre enorme e estava perto de dar à luz a um bocado de filhos. Aí, passou uma turma conversando, olhou para ela e deu risada. Ela, danada da vida, bradou:

– É assim mesmo, sim senhor. Eu gesto todos e vou governar, pois mãe é pra isso...

De repente, a luz apagou e tudo ficou muito escuro. Uma voz ecoou na escuridão:

– Cadê o povo desta casa?!

Era Nunuca Preta, que tinha ido buscar a chave na casa de Juju. Por causa da escuridão, tropeçou num monte de cacos de telhas e levou um corte na perna, tão grande e tão fundo, que o branco do osso apareceu. Botou a boca no mundo, até que Mambe apareceu, para dar socorro. Mas quando ele viu a sangria, saiu gritando:

– Gente, pelo amor de Deus! Eu não posso ver sangue!

Juju chegou com uma toalha na mão e amarrou na perna de Nunuca. Nisso, veio chegando o médico de doido e ordenou:

– Só cortando a perna, aí nunca mais ele vai fazer o papel de Bety Farias...

Um doutor estava escrevendo sobre um enorme rolo de papel-jornal. Molhava uma pena de ganso numa tina de café bem tinto e escrevia uma tese de pós doc em aramaico. De vez em quando, fazia uma pergunta a Jorge, que respondia, dizendo sempre a mesma resposta:

– Meu irmão, fazer isso é desconhecer que Deus se revela aos pequeninos e se esconde dos sábios. Mas brindemos à vida!

A garganta ardendo, queimando. Não teve como ir à cozinha para beber água.

– Oh, gente! Não era para eu me ver? E como é que estou vendo os outros, e não a mim?

Marlene, machada na mão, era Xangô em busca de Nanã, que estava mergulhada em seus búzios. Xein, xein! Nanã ayê iabá! Mas isso é outra história. Dois Niltons. Como é que ele conseguiu se duplicar? Um deles virou Helena e bebia cachaça numa cumbuca de goiaba. O outro recitava *Bodas de Sangue* e as palavras viravam tinta vermelha sobre uma tela azul. O quadro formado era vivo: um rosto indefinido, nadando num fogaréu de chamas coloridas.

Uma carreta, abarrotada de papéis escritos estacionou na porta da sala de Maria

Luiza, pra ela revisar. Muito alegre da vida, ela disse:

– Eta, que bom: trabalho para o resto da vida. Chama Raimunda aí, gente. Ela também vai se deliciar.

Agnaldo era uma baleia encalhada, que apareceu na *Praia dos Milionários*. Dentro dela, quem estava? Ora, quem?! Jonas, preparando um curso de especialização para professores de português. O cheiro do óleo de baleia o deixou enjoado...

Aí, ele espiou por cima da cerca. Aquela multidão de sapos estava lá, para além do muro que separava os ricos dos pobres. Todos pintados, sorrindo, gritando e cantando em coro:

– É estória! Bonita, linda, exótica! Mas é estória!

Do lado de cá, a pele tinha virado um *coro*. Respondeu:

– É minha História! História!

E aí, todo mundo virou sapo:

– Estória!

– História!

– Estória!

– História!

Os sapos de cá, pilando jenipapo, e os de lá, esfarelado giz. Os de cá, enfeitados de preto. Os de lá, melados de branco. E ao ritmo de mãos de pilão, cantavam histórias coloridas:

- Estória!
- História!
- Estória!
- História!

Nisso, um brado. Aquela voz era de Mãe Mariinha:

- Na terra de sapo, de cócoras com ele! Há mais de dois mil anos, Xangô disse isso, gente. É por essas e outras que o inimigo tem forças para tomar conta de tudo: por causa desse maldito preconceito e do eterno bate-boca de gente miúda. É por isso que essa terra é tão cheia de problemas. Oh, povo, meu Deus! Oh, povo...

Fez-se um silêncio de ovo. Um frio doído fazia o corpo arder por dentro e por fora. O corpo tremia, a alma doía. Abaixou-se, ficou rente ao chão, tirou a blusa e doou aos sapos do lado de lá. Eles devoraram tudo. Muitos sapos pequenos aproveitaram os pedaços menores e costuraram roupas para si. Ficaram melhor apresentáveis para fazerem uma peça de teatro na universidade.

Mãe continuava conversando com São Lucas. E ele queria apenas lembrar-se de um substantivo, porque somente com ele poderia compreender a mensagem de Mãe.

- Como é a palavra, meu Deus? Meu Deus, como é este nome? Pobre Flaubert. Mas eu não darei ataques apopléticos: não sou igual a ele. Léxico, lexema: eis o problema. Palavra,

vocábulo... não é estábulo. Dicionário: repositório idiossincrático do léxico. Traços semânticos e sintáticos. *Indicadores e diferenciadores* semânticos. *As regras de projeção* de Katz e Fodor, ou os *semas* de Pottier?

Sabia que não era, mas iria chamá-lo desejo.

- DESEJO: substantivo masculino; vontade de possuir. Os parentes viajaram e me deixaram nesta casa sozinho. Se eu tivesse ido, seria muito pior. Como eu iria pular carnaval assim? Na certa, o censor dormiu em cima da gaveta, na qual o tal nome está trancado. O *desejo* é... Espera aí! Lá vem Aspone; aliás, Padrinho Aspone. Ele traz o nome numa tabuleta. Laroîê, Aspone! Os de lá torcem o nariz com desdém. Aspone traz a resposta e lê o destino: “Todos vão boiar na vida grapiúna, igual à touceira de aguapé no Rio Cachoeira, mas eu vou ficar com a melhor parte.”

A tabuleta virou um anúncio luminoso e olhe o nome aí! DESAPEGO.

- Laroîê, Padrinho Aspone! Mas tem uma coisa: o *desapego* é santo, mas é perigoso. Irmão gêmeo do *egoísmo*, parecidíssimo com ele. Apenas um traço o distingue: deixa que carreguem tudo. E aí, eu fico com um prazer enorme de ver o sapo besta, metido a sabido, que finge, trai, mente, engana e rouba, mas no fim lasca a boca no arame. Mas isso só acontece com

alguns. A grande maioria fica impune. Também o povo não se incomoda muito com isso.

No brejo, um brado ecoou nas vozes de todos os sapos, de uma vez:

– Vão fazer a reforma política, minha gente! Quem for cidadão que se cuide. Quem estiver mandando, também. Quem tiver a garra maior vai subir na parede primeiro.

Uma espada de fogo riscou o céu e os sapos se calaram de medo. O *desapego* riu da cara de todo mundo. Um pivete tirou a corrente de ouro do pescoço de um sapo e o bicho nem levantou a cabeça. Apenas coaxou:

– Leva, infeliz! Mais tem Deus para me dar do que o Diabo para carregar!

Dois dias depois, o pivete estava morto debaixo da ponte. Havia um sapo gordo igual a Ernesto do Porco. O primeiro dinheiro que recebeu da aposentadoria no banco, o neto roubou para comprar maconha. E o sapo Ernesto nem se incomodou. Apenas disse: “Não serei eu a me apegar a dinheiro. Deus é mais...”

– Taí, será *desapego* a palavra ideal para eu resolver o sufoco da fila de meus problemas? Mas quem vem chegando? Ele, o dito cujo: o censor.

Então, deixa o pobre do doente dormir um bocadinho. E quem sabe? Poderá até sonhar. E lá vão os sapos cantando, sumindo, sumindo, sumindo...

- 'Stória!
- 'Stória!
- 'Stória!
- 'Stória!

Aí, o maestro deu um sinal e a orquestra se calou. Virou para o público e bradou:

- Como dizia a Velha Naneuá, **quem do pouco se admira corra o mundo que vê mais...**

Quando acordou, a febre tinha aliviado. Agora, porém, a lembrança do vivido naquela noite doía mais do que a dengue.





IMPRESA UNIVERSITÁRIA

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA



O que ficou após a vasoura de bruxa? Acabou o ciclo da literatura do cacau? Quais os arquétipos de agora, logo que o coronel, o jagunço e a mata se dissolveram? Nomes consagrados foram-se para sempre, outros tantos se aposentaram da arte contar, sob forma de ficção, as glórias, os pesadelos e os padecimentos da desistência de nossa gente. E a interrogação continua persistindo. Então, por que não tentar sentir isso mais profundamente?

Dizem por aí que é preciso voltar para a casa, a fim de sofrer, e sofrer, e sofrer até não mais poder, na busca, até detectarmos as imagens arquetípicas que estão a nos desafiar. Não que elas sejam invisíveis. Muito pelo contrário: de tanto conviver com elas já não podemos enxergá-las. E após nos apossarmos delas, uma luta maior há de começar: o padecimento na lida com o idioma. Transpiração em doses altíssimas e um pouco de intuição. Será este o melhor caminho?

ISBN 978-85-7455-350-4



9 788574 553504

